

M357 Marques, Renata Moreira

O comportamento multifuncional do item aí: um caso de gramaticalização / Renata Moreira Marques. – Ilhéus, BA: UESC, 2015.

xi, 80 f.

Orientadora: Gessilene Silveira Kanthack.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Santa Cruz. Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações.

Inclui referências.

Inclui apêndice.

1. Gramática comparada e geral – Gramaticalização. 2. Língua portuguesa – Gramaticalização. 3. Língua portuguesa – Advérbio. 4. Mudanças linguísticas. 5. Análise do discurso. I. Título.

CDD 415



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

RENATA MOREIRA MARQUES

O COMPORTAMENTO MULTIFUNCIONAL DO ITEM *Aí*:
um caso de gramaticalização

ILHÉUS - BAHIA
2015

RENATA MOREIRA MARQUES

O COMPORTAMENTO MULTIFUNCIONAL DO ITEM *Aí*:
um caso de gramaticalização

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações, da Universidade Estadual de Santa Cruz, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre.

Área de concentração: Estudos da Linguagem

Linha de pesquisa do programa: Linguagem: Descrição e Discurso

Orientadora: Profa. Dra. Gessilene Silveira Kanthack

ILHÉUS - BAHIA
2015

RENATA MOREIRA MARQUES

O COMPORTAMENTO MULTIFUNCIONAL DO ITEM *Aí*:
um caso de gramaticalização

Ilhéus, 31 de março de 2015.

Profa. Dra. Gessilene Silveira Kanthack
UESC/ILHÉUS-BA
(Orientadora)

Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva
UESB/Vitória da Conquista - BA

Profa. Dra. Élide Paulina Ferreira
UESC/ILHÉUS-BA

DEDICATÓRIA

À minha mãe Vitória, minha amiga, minha luz, meu espelho, pelos fortes laços de afinidade que sempre nos unirão em todas as nossas vidas.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida, pela saúde, pela luz.

À UESC e À CAPES, pela oportunidade e pela bolsa concedida.

À professora Gessilene Kanthack, pela orientação desde os primeiros passos na pesquisa científica, pela forma dedicada e competente com que sempre me orientou, pela confiança, aprendizado e descobertas.

A todos os professores da UESC, pelos ensinamentos de vida e acadêmicos.

Aos meus avós Avany (*in memoriam*) e Nivaldo, pelo amor incondicional, por serem tudo na minha vida.

Ao meu pai Jorge e irmãos, por todo carinho e incentivo.

Ao meu tio e padrinho Vitor José e primas, por todo apoio impossível de retribuir.

Ao meu amor João, meu cúmplice e incentivador, por sempre acreditar no meu potencial e me apoiar em todos os momentos.

A toda minha família, carioca e baiana, pela força e confiança.

Aos meus amigos, por compartilharem comigo as delícias e os percalços dessa jornada.

O comportamento multifuncional do item *aí*: um caso de gramaticalização.

RESUMO

Este trabalho investigou o comportamento multifuncional do item *aí* com o intuito de verificar os verdadeiros usos que os falantes fazem desse elemento no gênero *entrevista*. O interesse por essa descrição surgiu por observar que a maioria das gramáticas prescritivas (consideradas tradicionais) classificam, comumente, o item *aí* apenas como advérbio, sua função prototípica. Considerando que a língua é um organismo vivo e está sempre se transformando, o trabalho procurou comprovar que, dadas as intenções e necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes, o *aí* assume funções mais discursivas, além daquela prevista tradicionalmente. Para explicar os novos usos, baseamo-nos em pressupostos da teoria funcionalista, como, por exemplo, os que dão conta da gramaticalização, um fenômeno de mudança linguística compreendido como um processo através do qual itens ou construções lexicais, em determinados contextos, assumem funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais (HOPPER; TRAUGOTT, 2003). Foram investigados os usos do *aí* em 12 entrevistas do Programa “Marília Gabriela Entrevista”, do canal GNT, veiculadas no ano de 2013, que foram analisados a partir de fatores linguísticos (função, posição na sentença e termo antecedente) e extralinguísticos (sexo e profissão). Os resultados revelaram que o item *aí* é usado com funções sintático-semânticas variáveis, e que a função de marcador discursivo é a mais recorrente, indicando, assim, que ele está em processo de gramaticalização.

Palavras-chave: *Aí*. Usos. Mudança. Gramaticalização.

The multifunctional behavior of the item "aí": a case of grammaticalization.**ABSTRACT**

This study investigated the behavior of multifunctional item "aí" to demonstrate the actual use by speakers in the interview genre. The interest in this description started with the observation that some prescriptive grammars (considered traditional) normally classify the item "aí" as an adverb, which is the prototypical function. Considering language as a living organism therefore always changing, this study sought to prove that "aí" takes more discursive functions, given to the speaker's intentions and cognitive needs and beyond the traditionally provided function. In order to explain the new uses, we applied the functionalist theory and the grammaticalization, a linguistic change phenomenon that occurs when items or lexical constructions assume new grammatical functions, in certain contexts (HOPPER; TRAUGOTT, 2003). We investigated the uses of "aí" in 12 interviews of the "Marília Gabriela Entrevista" from GNT channel broadcasted in 2013 and analyzed based on linguistic factors (function, position in the sentence and previous term) and extralinguistic factors (gender and profession). The results revealed that the item "aí" is used with syntactic-semantic variable functions, and that the discourse marker use is the most recurrent, indicating that it is in grammaticalization process.

Keywords: Aí. Uses. Change. Grammaticalization.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Paradigma Formal vs. Paradigma Funcional.....	27
Quadro 2 - Diferenças morfossintáticas entre as formas <i>gente</i> e <i>a gente</i>	37

LISTA DE TABELAS

1	Cômputo geral das funções do item <i>aí</i>	53
2	O item <i>aí</i> em função do fator <i>sexo</i>	55
3	O item <i>aí</i> em função do fator <i>profissão</i>	55
4	O item <i>aí</i> em sua função dêitica.....	55
5	O <i>aí</i> dêitico e suas posições.....	56
6	O item <i>aí</i> em sua função de marcador.....	57
7	O <i>aí</i> sequenciador em função dos termos antecedentes na oração.....	58
8	O <i>aí</i> introdutor em função dos termos antecedentes na oração.....	58
9	O <i>aí</i> consecutivo em função dos termos antecedentes na oração.....	59
10	O <i>aí</i> em outras situações.....	60

SUMÁRIO

RESUMO	vi
ABSTRACT	vii
1 INTRODUÇÃO	12
2 ADVÉRBIOS: UMA CLASSE EM DISCUSSÃO	14
2.1 Introdução	14
2.2 A problemática envolvendo advérbios: da abordagem tradicional às descrições linguísticas	14
2.3 O item <i>aí</i> em gramáticas normativas e descritivas	21
2.4 Encerrando o capítulo	25
3 FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO E GRAMATICALIZAÇÃO: DOS PRESSUPOSTOS BÁSICOS À MULTIFUNCIONALIDADE DO ITEM <i>AÍ</i>	26
3.1 Introdução	26
3.2 Funcionalismo linguístico: algumas considerações	26
3.3 Gramaticalização: fenômeno de mudança	30
3.3.1 Princípios e/ou Mecanismos da Gramaticalização	34
3.4 O item <i>aí</i> em algumas pesquisas na língua portuguesa: abordagens funcionais	39
3.5 Encerrando o capítulo	42
4 O ITEM <i>AÍ</i> NO GÊNERO ENTREVISTA: DESCRIÇÃO E ANÁLISE	43
4.1 Introdução	43
4.2 O gênero Entrevista	43
4.3 Metodologia	44
4.4 Conhecendo as funções do item <i>aí</i>	45
4.4.1 <i>Aí</i> Dêitico	45
4.4.1.1 <i>Aí</i> Locativo	46
4.4.1.2 <i>Aí</i> Temporal	46
4.4.2 <i>Aí</i> Anafórico	47

4.4.3 <i>Aí</i> Marcador Discursivo	47
4.4.3.1 <i>Aí</i> Sequenciador.....	48
4.4.3.2 <i>Aí</i> Introdutor	49
4.4.3.3 <i>Aí</i> Consecutivo	49
4.4.4 Função Ambígua	51
4.4.5 <i>Aí</i> em outras situações.....	52
4.5 Apresentação dos resultados	53
4.6 Aplicando fundamentos da gramaticalização aos resultados	60
4.7 Encerrando o capítulo	63
5 CONCLUSÕES.....	66
REFERÊNCIAS	68
APÊNDICES	72

1 INTRODUÇÃO

Tradicionalmente, nas gramáticas de orientação prescritiva, o item *aí* é classificado, basicamente, como advérbio, assumindo, assim, o pressuposto de que ele adquire, na língua portuguesa, uma função única. Todavia, a gramática de qualquer língua ostenta mecanismos que permitem que, dadas as necessidades comunicativas dos falantes, outras formas sejam criadas, que velhas formas possam ser usadas com novas funções, que as funções alterem suas propriedades categoriais. Isso põe em evidência o fato de que uma língua não é estática; ao contrário, deve ser entendida como um organismo maleável, que está em constante renovação/transformação.

Trata-se de um pressuposto básico da corrente teórica que buscamos para fundamentar o nosso trabalho, o funcionalismo linguístico, um tipo de abordagem que considera a linguagem como um instrumento de interação social, usado para estabelecer comunicação. Nessa concepção, importa compreender a relação sistemática entre formas e funções que os itens adquirem dentro das práticas concretas de uso da língua.

Inserido nessa linha de pensamento, este trabalho teve como objetivo geral investigar o comportamento multifuncional do item *aí* no gênero entrevista, com o intuito de verificar se seus usos apontam ou não para uma situação de mudança, no caso, se passa ou não pelo processo de gramaticalização, um fenômeno que, segundo Gonçalves *et al.* (2007, p.15), é “um dos mais comuns que se tem observado nas línguas em geral”. Para alcançar o objetivo geral, o trabalho foi orientado pelos seguintes objetivos específicos: verificar as funções desempenhadas pelo item *aí*; analisar a frequência de cada uma delas; observar a influência de fatores sociais (profissão e sexo dos entrevistados) e linguísticos (função desempenhada pelo item, sua posição na sentença e seus termos antecedentes) nos usos dessas funções.

Justificamos a relevância da pesquisa porque, além de permitir compreender o que é o processo de gramaticalização, um fenômeno ainda pouco estudado no âmbito do português do Brasil, visa a contribuir com os estudos de descrição dessa língua, particularmente aqueles voltados para as áreas de sintaxe e semântica. É fundamental destacar que, tendo em vista que as pesquisas que estudam o fenômeno da gramaticalização, normalmente, têm como base *corpora* constituídos de bancos de

dados já prontos, pesquisar esse fenômeno, a partir de um *corpus* primário se constitui em inovação.

A propósito, ele foi constituído de 12 entrevistas do Programa “Marília Gabriela Entrevista”, do canal GNT, veiculadas no ano de 2013, selecionadas tendo em vista o perfil social dos entrevistados. Por ser um gênero guiado a partir de perguntas/respostas, o que possibilita uma interação direta entre entrevistador e entrevistado, acreditamos que as escolhas linguísticas, feitas por ambos os falantes, estarão ligadas diretamente ao papel que assumem na interação verbal. Nesse sentido, partimos do pressuposto de que haverá diferenças acentuadas em relação aos usos que os entrevistados (homens e mulheres; artistas (atores e músicos) e não-artistas (médicos, empresários e políticos) fazem do item *aí*, o que deverá confirmar nossa principal expectativa: de que esse item tem um comportamento multifuncional e que seus usos apontam sim para um processo de mudança na língua portuguesa.

O resultado de toda a pesquisa empreendida está organizado em três capítulos: no primeiro, promovemos uma discussão sobre algumas das complexidades que envolvem a classe *advérbio*, tendo como ponto de partida a descrição apresentada pelas gramáticas de cunho prescritivo, as chamadas gramáticas tradicionais, onde o item *aí*, nosso objeto de estudo, é apresentado, normalmente, como advérbio.

No segundo capítulo, destacamos alguns pressupostos básicos da abordagem teórica que sustenta nosso trabalho, o funcionalismo linguístico, como também da teoria denominada gramaticalização, que dá conta de fenômenos de mudança linguística. Além disso, elencamos algumas pesquisas já feitas sobre o item *aí* no âmbito do português, com o propósito de adiantar propriedades e funções que serão confirmadas no terceiro capítulo.

Nele, apresentamos a descrição e análise dos dados, cujos resultados nos permitem afirmar que o item *aí* é realmente multifuncional e que, entre as funções desempenhadas, a mais frequente é aquela que confirma a mudança categorial por qual passa o item na língua portuguesa: um elemento de natureza lexical (advérbio) que tem assumido um caráter gramatical (marcador discursivo).

Por fim, as conclusões, juntamente com as referências e os apêndices, encerram o trabalho.

2 ADVÉRBIOS: UMA CLASSE EM DISCUSSÃO

2.1 Introdução

Neste capítulo, apresentaremos, primeiro, uma discussão acerca da classe gramatical *advérbio*, promovida à luz de argumentos defendidos por vários autores que já trataram a problemática que a envolve; depois, focaremos o nosso objeto de estudo, o item *aí*, procurando mostrar como ele é tratado em gramáticas prescritivas, as chamadas tradicionais, e em gramáticas de orientação linguística.

2.2 A problemática envolvendo advérbios: da abordagem tradicional às descrições linguísticas

Etimologicamente, o advérbio (*epirrhéma*, para os gregos, e *adverbium*, para os latinos) corresponde a uma forma que tem a função básica de acrescentar “um sentido suplementar à significação essencial da comunicação centrada no verbo” (CÂMARA JÚNIOR, 1975, p. 115), uma propriedade refletida na própria etimologia da palavra: *ad verbum* - junto do verbo - e que é transmitida ao longo do tempo pelas gramáticas de orientação normativa.

Nelas, os advérbios são apresentados, normalmente, como elementos que fazem parte de um conjunto de palavras que têm a propriedade de modificar outras com as quais formam unidade numa sentença. Por exemplo, em Cunha e Cintra (2008, p. 555), encontramos a definição básica de que o advérbio “é, fundamentalmente, um modificador do verbo”, com o acréscimo de que “a essa função básica, geral, certos advérbios acrescentam outras que lhe são privativas [...] podem reforçar o sentido de um adjetivo e de um advérbio”. A mesma ideia verificamos em Cegalla (2008), quando afirma que o advérbio é uma palavra que modifica o sentido do verbo, do adjetivo e do próprio advérbio. Nos exemplos em (1), temos ilustradas, respectivamente, cada uma dessas situações:

- (1) a. O navio chegou *ontem*.
 b. A moça é *muito* linda.

c. Paulo jogou *muito* bem.

Podemos observar que, em (1a), o advérbio “ontem” incide sobre o sentido do verbo “chegou”, determinando o momento da chegada do navio; em (1b), o advérbio “muito” intensifica o adjetivo “linda”; e, em (1c), é o próprio advérbio “bem” que é intensificado. Com essa definição básica, pressupõe-se que o advérbio tem um escopo restrito¹, ou seja, o limite com o qual o advérbio opera é bastante limitado.

Além do conceito, as gramáticas classificam os advérbios de acordo com as circunstâncias que expressam. Por exemplo, Cunha e Cintra (2008) também classificam os advérbios conforme a circunstância ou ideia acessória que expressam. Distinguem em sete tipos, conforme a Nomenclatura Gramatical Brasileira: de afirmação, de dúvida, de intensidade, de lugar, de modo, de negação e de tempo. Ainda citam que a Nomenclatura Gramatical Portuguesa possui uma lista com mais três: de ordem, de exclusão e de designação. Distinguem também os advérbios interrogativos (de causa, de lugar, de modo e de tempo) e o advérbio relativo, especificamente o “onde”.

Bechara (2009, p. 287), por sua vez, afirma que “é a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância [...] e desempenha na oração a função de adjunto adverbial”. A classificação do advérbio, segundo ele, é pautada pelos valores léxicos das unidades que o constituem ou por valores funcionais. No primeiro caso, os advérbios são classificados como denotadores de assunto, de causa, de companhia, de concessão, de condição, de conformidade, de dúvida, de fim, de instrumento, de intensidade, de lugar, de modo, de referência, de tempo e de negação. Pelo segundo critério, temos os demonstrativos, os relativos e interrogativos².

¹ Entendemos, como escopo, “o conjunto de conteúdos afetados por algum operador”, como defende Ilari (2007, p. 163).

² Em sua Gramática Latina, Ravizza (s.d) distribuiu os advérbios nas seguintes classes: lugar, tempo, modo e qualidade. Os de lugar respondem às perguntas *ubi?* (onde), *quo?* (para onde), *unde?* (donde) e *qua?* (por onde), como, por exemplo: *hic* (aqui), *illic* (ali), *ibi* (aí), *huc* (para cá), *hac* (por aqui) etc. Os advérbios de tempo são classificados em interrogativos (*quando-quando*, *quousque* – até quando), demonstrativos (*nunc*- agora, *tunc* – então), relativos (*quandocumque* – cada vez que, *quotienscumque* – todas as vezes que) e indefinidos (*aliquando* – alguma vez, *quondam* – outrora). Os de tempo também podem ser numerais (*semel* – uma vez, *primum* – pela primeira vez) e outras palavras como *hodie* (hoje), *cotidie* (cada dia) etc. Os advérbios de modo e qualidade, originados dos adjetivos qualitativos e dos participípios, são exemplificados por *audax*, *audacter* (audazmente), *facilis*, *facile* (facilmente), *prudentes*, *prudenter* (prudentemente) etc. Como vemos, de lá para cá muitos outros tipos foram acrescentados à descrição tradicional.

Que a definição e a classificação são importantes, é fato. No entanto, o que se nota é que, na perspectiva da gramática tradicional, elas são limitadas, pois restringem o potencial funcional dos advérbios. Com relação a essa problemática, Bomfim (1988, p. 65) lembra que “não existe correspondência entre a conceituação de advérbio e o comportamento linguístico dos componentes da classe”. Barros (1991) também destaca que o advérbio é uma palavra que apresenta as maiores dificuldades e divergências, e argumenta que “a velha e clássica definição segundo a qual o advérbio é palavra que modifica o adjetivo, o verbo ou outro advérbio é verdadeira, mas só em parte” (p. 173).

Esta última afirmação se sustenta, por exemplo, se considerarmos a língua em situações concretas de uso, quando encontramos “advérbios” que não se enquadram exatamente nas classes estabelecidas, exercendo, por exemplo, outras funções. A propósito disso, Ilari (2007, p. 152) destaca:

Na prática, o gramático defronta-se com inúmeros exemplos em que eles levam a classificações conflitantes; e às dificuldades de aplicação dos próprios critérios a gramática tradicional tem acrescentado as de um tratamento até certo ponto inconsequente, pelo hábito de enquadrar entre os advérbios uma quantidade enorme de *palavras* que apenas em algumas ocorrências particulares e em alguns ambientes sintáticos, atendem àqueles critérios. Tratar do ‘advérbio’ é, antes de mais nada, tomar consciência desses equívocos, constatando a diversidade de emprego dessas expressões.

Sobre a indefinição acerca do advérbio, Perini (2002) pontua a necessidade de se considerar um misto entre a semântica e a sintaxe, para evitar ao máximo a superficialidade das classificações. E ainda acrescenta:

[...] a definição de ‘advérbio’, se for possível (o que duvido), deverá ser formulada em termos de funções. Por ora, ficaremos com a idéia de que sob o rótulo de ‘advérbio’ se esconde uma variedade irreduzível de classes [...] na verdade, a taxonomia dos chamados ‘advérbios’ é uma das grandes áreas inexploradas da gramática portuguesa. Não têm faltado pesquisas sobre o tema, mas em geral não consideram os dados em sua totalidade, ou partem de pressupostos que considero inadequados (p. 342).

Gramáticos como Cunha e Cintra (2008, p. 556) reconhecem que “entre os linguistas modernos há uma tendência de reexaminar o conceito de advérbio, limitando-o seja do ponto de vista funcional, seja do ponto de vista semântico”, dados os problemas que se observam nas descrições tradicionais. Segundo eles, o mais

sensato seria que a categorização do advérbio ocorresse de maneira ampla, contemplando ambos os pontos de vista. Como vemos, tanto Perini (2002) quanto Cunha e Cintra (2008) partilham a mesma ideia, de que o advérbio deveria ser categorizado não só pela função que desempenha, mas também pelo sentido que promove na sentença.

Basicamente, como pontuamos, para as gramáticas tradicionais, o advérbio é modificador do verbo, do adjetivo e do advérbio. No entanto, além de modificar esses constituintes, há casos em que o advérbio pode também alterar o sentido de outras categorias, por exemplo, numerais (2a), substantivos (2b), pronomes (2c) e preposições (2d):

- (2) a. A informante acaba de dizer que esperava ter muitos filhos e confirma: *exatamente nove ou dez* (ILARI, 1992, p.75).
- b. Eu gostaria demais de ter tido *mais irmãos* (ILARI, 1992, p.75).
- c. Queria falar *precisamente disso* (ILARI, 1992, p.79).
- d. O pássaro voa *exatamente sobre* a cabeça do aborrecido (RIBEIRO, 2008, p. 77).

Esses exemplos ilustram que o advérbio é representado como parte de uma unidade específica, sugerindo que seu papel se esgota quando é aplicado aos constituintes da oração. Todavia, há situações em que o advérbio tem o escopo ampliado, como mostram os exemplos em (3a) e (3b), de Neves (2000, p. 235), em (3c) e (3d), de Kanthack (2012, p. 7):

- (3) a. *Provavelmente* você não gostará da resposta.
- b. *Realmente*, sentia fome.
- c. Quando acusadas de tráfico de influência, advocacia administrativa, superfaturamento ou sobrepreço, defendem-se na pessoa física usando o cargo. *Obviamente*, está errado.
- d. Mas sei da existência de certos grupos na universidade que, *tradicionalmente*, não vêem com bons olhos nenhuma iniciativa baseada no mérito para avaliar a produtividade.

Nesses casos, o advérbio, que se encontra às margens da sentença, modifica não mais uma unidade específica, mas a oração toda. Ou seja, o advérbio não apresenta um domínio restrito, mas um domínio maior, pois se aplica à oração como um todo (ILARI, 2007).

Algumas gramáticas normativas já apontam para uma atuação ampliada do advérbio, citando a modificação da “oração” ou da “declaração”, mesmo que timidamente, conforme as afirmações de Bechara (2009, p. 287), “é constituído por palavra nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário, a um adjetivo ou a um advérbio, ou a uma declaração inteira”, e Cunha e Cintra (2008, p. 556), “alguns advérbios, aparecem não, modificando toda a oração”.

Neves (2000) amplia ainda mais essa propriedade, trazendo a ideia de incidência do advérbio no discurso. Esclarece que, do ponto de sintático, o advérbio pode ser uma palavra periférica, funcionando como satélite de um núcleo; pode atuar nas diversas camadas do enunciado, incidindo sobre um sintagma, como verbo, adjetivo, advérbio, por exemplo; de forma mais ampla, sobre um enunciado (4a) (no caso, toda a oração) e sobre o discurso (4b) (de forma modalizada) (cf. NEVES, 2000, p.235):

- (4) a. *Provavelmente* **você não gostará da resposta.**
 b. *Então, mãe, como é que foi a reunião em Palácio?*

Em (4a) “provavelmente” tem escopo por toda a oração que o sucede, sendo impossível definir um constituinte modificado em particular. Já em (4b) ocorre uma incidência do “então” num plano mais discursivo, no qual o item não demonstra mais características prototípicas de advérbio, funcionando como marcador discursivo, decorrente do processo de gramaticalização pelo qual passa o item “então”.

Em sua gramática descritiva do português, Perini (2002) enfatiza que “a categoria tradicional dos ‘advérbios’ [...] encobre uma série de classes, às vezes de comportamento sintático radicalmente diferente”, e que, por isso, é preciso defini-los em termos de seu potencial funcional. Demonstra essa questão, por exemplo, com o advérbio “completamente”, que, segundo o critério semântico, é classificado como advérbio de modo, mas que pode desempenhar outras funções sintáticas, como ilustram (5a) e (5b) (cf. p. 339):

- (5) a. Almeida estava *completamente* bêbado.
 b. Ela decorou o apartamento *completamente*.

Em (5a), o advérbio desempenha, segundo Perini (2002), a função sintática de intensificador, e, em (5b), de adjunto adverbial. Portanto, temos uma palavra exercendo diferentes funções, o que comprova o seu caráter diversificado. Se classificarmos tal palavra seguindo apenas o critério determinado pela gramática normativa, percebemos que a classificação tradicional deixa de expressar peculiaridades que a envolvem, tanto do nível sintático, quanto do nível semântico.

Assim, delimitar um grupo adverbial coeso e uno constitui-se uma verdadeira “luta” que envolve diversos níveis da língua. Do ponto de vista morfológico, é insatisfatório dizer que o advérbio é uma palavra invariável, haja vista que ele pode sofrer, por exemplo, o processo de sufixação (*perto/pertinho, cedo/cedinho, devagar/devagarzinho*) (SAKSIDA, 2005). Neves (2000) também aborda essa questão, afirmando que há situações em que advérbios se apresentam com variações morfológicas, flexionando em gênero e número, casos considerados erros pela gramática normativa. Um deles envolve a construção “É que ela tá *meia* doente, já não tem vontade” (NEVES, 2000, p. 234). Também afirma que alguns advérbios são empregados com o sufixo no diminutivo, mas que, em geral, esse sufixo adquire outro valor, não mais o de diminuição de tamanho, e sim de intensificação: “*Agorinha* mesmo” (p. 234).

No campo da sintaxe, além da dificuldade de delimitação do escopo dos advérbios, se restrito ou amplo, há também restrições quanto aos posicionamentos que os advérbios podem ocupar nas sentenças. Não é possível pressupor que todos os advérbios ostentem as mesmas propriedades, por exemplo, que eles sejam livres para se posicionarem em qualquer lugar na sentença. Sobre isso, Costa e Costa (2001) observam que, apesar de, tradicionalmente, se considerar que os advérbios podem ocupar diversas posições numa frase, sem alteração de sentido, não é possível fazer este tipo de generalização, pois nem todos os advérbios podem ocupar qualquer posição na sentença, como ilustram os exemplos (cf. COSTA; COSTA, 2001, p. 36):

- (6) a. O Pedro *já* tinha lido o livro à avó.

- b. ? O Pedro tinha *já* lido o livro à avó.
- c. *O Pedro tinha lido *já* o livro à avó.
- d. * O Pedro tinha lido o livro *já* à avó.
- e. * O Pedro tinha lido o livro à avó *já*.

Como podemos perceber, o advérbio “já” ocorre antes do verbo auxiliar. Nas outras posições, há restrições, como ilustram os julgamentos indicados pela interrogação e pelo asterisco. Diferentemente de “já”, outros advérbios apresentam certa mobilidade quanto ao seu posicionamento na sentença, como indica (7):

- (7) a. *Infelizmente* João foi embora.
 b. João *infelizmente* foi embora.
 c. João foi *infelizmente* embora.
 d. João foi embora *infelizmente*.

De fato, notamos que o advérbio “infelizmente” é móvel: pode se posicionar em diferentes lugares na sentença, sem alteração de sentido. No entanto, alguns advérbios, apesar de serem móveis, promovem sentidos diferentes, dependendo da posição em que ocorrem, como ilustra (8):

- (8) a. *Provavelmente* **Maria** doou os livros para a escola
 b. Maria *provavelmente* **doou** os livros para a escola.
 c. Maria doou *provavelmente* **os livros** para a escola.
 d. Maria doou os livros *provavelmente* **para a escola**.

Como vemos, o advérbio “provavelmente” se posiciona em diferentes lugares e em cada um deles denota um sentido específico. Em (8a), no início da frase, ele modifica “Maria” (“Maria” e não “Joana”); já em (8b) ele está modificando o verbo “doou” (Maria “doou” e não “vendeu”, por exemplo); em (8c) refere-se à unidade “os livros” (Maria doou “livros” e não “revistas”); na última sentença, (8d), o advérbio relaciona-se com “para a escola” (os livros foram doados à “escola” e não à “igreja”).

Também não é possível pressupor que os advérbios sejam opcionais numa sentença, ou seja, a ausência de um advérbio modifica consideravelmente o sentido

da mesma. Isso pode ser comprovado pelo contraste (cf. COSTA; COSTA, 2001, p.39):

- (9) a. O Pedro mora *ali*.
 b. *O Pedro mora.

O que estamos tentando mostrar com (2), (3), (4), (5), (6), (7), (8) e (9) é apenas uma amostra de que o advérbio ostenta propriedades sintático-semânticas que os tornam elementos heterogêneos. Na visão de Costa e Costa (2001, p. 33-34),

[...] os advérbios não formam uma classe semântica homogênea, existindo diferentes tipos de classes semânticas de adverbiais [...] Os advérbios podem ser polissêmicos, pertencendo a mais que uma classe semântica consoante o seu significado [...] Os advérbios pertencentes a uma mesma classe semântica podem exibir comportamentos sintáticos diferentes [...].

Essa heterogeneidade, por sua vez, é determinada pelos usos que os falantes fazem do advérbio em suas práticas comunicativas. Portanto, entendemos que, dadas as intenções e necessidades interacionais e cognitivas dos falantes, a classe dos advérbios apresenta características peculiares, além daquelas previstas tradicionalmente. É necessário reconhecer que tratar o advérbio apenas pelo olhar das gramáticas normativas é limitar demais o seu potencial funcional. É preciso buscar outras descrições que complementem a abordagem tradicional, no sentido de mostrar que o advérbio pode ostentar propriedades que só poderão ser compreendidas se levarmos em consideração, por exemplo, os reais usos da língua.

Para ilustrar o que acabamos de defender, procuraremos apresentar o tratamento dado ao nosso objeto de estudo, o item *aí*, por dois tipos de abordagens gramaticais, a normativa e a descritiva, como veremos na próxima seção.

2.3 O item *aí* em gramáticas normativas e descritivas

Contemporaneamente, o comportamento do *aí*³ é abordado nas gramáticas normativas e descritivas de diversas formas. Na maioria das gramáticas normativas, o *aí* é classificado, assim como os outros advérbios, a partir da circunstância ou ideia acessória que expressa. Por exemplo, Cunha e Cintra (2008) acompanham a

Nomenclatura Gramatical Brasileira e classificam o item *aí* como advérbio de lugar, no mesmo rol de “ali”, “abaixo”, “atrás”, “longe”, “fora”, etc. Cegalla (2008) também o classifica como advérbio de lugar, da mesma forma que “abaixo”, “acima”, “detrás”. Já Bechara (2009) descreve o *aí* como advérbio pronominal demonstrativo, juntamente com “aqui”, “acolá”, “lá” e “cá”.

Neves (2000), em sua abordagem descritiva, considerando a propriedade semântica, insere o *aí* entre advérbios circunstanciais cuja natureza provém dos advérbios de lugar e tempo. Segundo ela, eles se relacionam com o eixo falante/ouvinte: “trata-se de uma circunstanciação ancorada no circuito de comunicação, referida aos participantes do discurso ou a pontos de referência do texto, numa escala de proximidade espacial” (p. 258). Em (10) temos ilustrados casos onde “aqui”, “aí” e “lá” denotam esse tipo de circunstância (cf. p. 258):

- (10) a. *Aqui* nesta mesa eu não quero conversa sobre este cabra Aparício.
 b. E você *aí*, como é seu nome?
 c. Eu penso que se chegarmos *lá* na tarde de sábado, poderemos pegar as chaves para dar uma olhada rápida na mansão.

Percebemos que, em (10a), o *aqui* indica lugar próximo ao falante (primeira pessoa do discurso), em (10b), o *aí* indica lugar próximo ao ouvinte (segunda pessoa do discurso) e, em (10c), *lá* indica lugar distante do falante e do ouvinte (terceira pessoa do discurso).

Neves (2000) também destaca que lugar e tempo são categorias dêiticas, ou seja, “categorias que fazem orientação por referência ao falante e ao aqui-agora, que constituem o complexo modo-temporal que fixa o ponto de referência do evento de

³ Quanto ao *aí*, nosso item de estudo, existem algumas explicações para a sua formação. Conforme Coutinho (1962), a formação do advérbio *aí* (< a + i < ad + hic) surge a partir da aférese do “h”, apócope do “c” e do “d”, tendo aférese como uma supressão de fonema no início da palavra e apócope, supressão de fonema no final da palavra. Martelotta (1993) também assinala sobre a origem do item:

[...] o elemento *aí*, segundo Machado (1977), provém do arcaico “i” (ou hi), que, por ser uma palavra muito curta, se aglutinou a “a”. O advérbio arcaico “i” é proveniente do latim “ibi”, termo que, segundo Faria (1975), pode significar *aí*, nesse lugar (sentido espacial); então, nesse momento (sentido temporal) e nisso, nesse assunto (sentido textual). Isto demonstra que, já no latim, havia ocorrido a gramaticalização espaço > (tempo) > texto, que é típica desse tipo de elemento. E desta gramaticalização surgiram camadas que continuam coexistindo em português (p. 107).

Desde o latim, observa-se que o *aí* tem uma predisposição ao processo de gramaticalização, o que posteriormente, no português, será comprovado por indícios mais efetivos.

fala” (p. 256). Salieta que é fácil o trânsito da categoria de lugar para tempo (11a) ou tempo para lugar (11b):

- (11) a. Domício e Bento saíram para o copió e lá ficaram de boca fechada à espera de qualquer coisa. Foi *aí* que eles ouviram um choro alto.
 b. *Depois* da sala de jantar vinha um terraço espaçoso.

Notamos que, em (11a) o *aí*, prototipicamente um advérbio de lugar, está exercendo a função de circunstância temporal, podendo ser substituído pela expressão “nesse momento”. Já, em (11b), ocorre o oposto, o “depois”, cuja função tradicional é a de advérbio de tempo, está desempenhando uma função locativa, orientando o lugar referido.

Os advérbios de lugar ainda são classificados por Neves (2000) como fóricos e não-fóricos. Os fóricos remetem a algum elemento dentro ou fora do enunciado e não exprimem uma indicação circunstancial substancial. Essa indicação pode ser recuperada na situação (exófora), conforme (12a), ou no texto (endófora), como em (12b) (cf. p. 257). Já os não-fóricos efetuam simplesmente a expressão da circunstância de lugar, como ilustra (12c) (cf. 258):

- (12) a. Eu vou *lá* em cima.
 b. Sim, tudo isto era verdade, mas que tinha eu com a história do juiz? *Aí* é que entra o tangerino Moreno.
 c. Permaneceu severa e ausente, mas de conversa comum, *fora* de toda aquela exaltação que o aterrara.

Em (12a), o “lá” tem sua referenciação extrapolada pela oração, logo, é preciso ter conhecimento do contexto da fala. Em (12b), o “aí” não exprime uma circunstância substancial de lugar e sua indicação remete a um elemento dentro do próprio enunciado. Já em (12c) “fora” expressa circunstância de lugar, estabelecendo uma relação de interioridade ou inclusão / exclusão.

Castilho (2010), numa visão um pouco mais ampliada e também descritiva, defende a ideia de que os advérbios devem ser classificados a partir de um conjunto de critérios morfológicos, sintáticos, semânticos e discursivos:

Do ponto de vista morfológico, os advérbios são palavras invariáveis, conquanto a precária fronteira entre eles e os adjetivos criem certa trepidação nessa propriedade. Sintaticamente, os advérbios são palavras relacionadas ao verbo, ao adjetivo ou a outro advérbio. No entanto, o exame dos fatos mostra que os advérbios podem aplicar-se a substantivos, em expressões metafóricas tais como: “ele é muito homem” e “ele é muito gente”, no sentido de “muito viril” e “muito generoso”. A dimensão semântica implica em identificar três grandes classes funcionais de advérbios: os predicativos, os de verificação e os dêiticos. Finalmente, a dimensão discursiva permite identificar os advérbios que atuam como conectivos textuais e orientador do eixo argumentativo do texto (p. 542).

Assim, além da função prototípica, o item *aí* é tratado por Castilho (2010) de maneira mais abrangente: “advérbios dêiticos de lugar e tempo operam como conectivos de sentenças complexas e de unidades discursivas [...]. Os conectivos sentenciais e textuais derivam de advérbios, por gramaticalização” (p. 581). Em sua gramática, ele exemplifica com o uso do “agora” (cf. p. 581), que pode ser facilmente transportado para o “aí”, por exemplo:

- (13) a. Gravar e transcrever entrevistas é um trabalho danado. *Agora*, analisar tudo isso é que são elas.
- b. Gravar e transcrever entrevistas é um trabalho danado. *Aí*, analisar tudo isso é que são elas.

Em ambos os casos, (13a) e (13b), os “advérbios” não estabelecem relações circunstanciais, como nos faz pressupor a noção tradicional. Eles expressam uma dimensão discursiva, atuando como conectivos textuais, orientadores do eixo argumentativo do texto. São, portanto, elementos com funções pragmático-discursivas, usados para direcionar a interpretação do ouvinte, bem como promover a organização das informações na situação comunicativa.

Das gramáticas tradicionais às linguísticas, percebemos uma evolução no tratamento dado ao item *aí*: de advérbio locativo, função prototípica, o *aí* passa a ser descrito como um elemento funcional, assumindo um comportamento particular dentro das práticas efetivas de uso da língua.

2.4 Encerrando o capítulo

Para encerrar, destacamos que, de modo geral, o tratamento dado, pelas gramáticas normativas, aos advérbios é bastante simplificador. Nem todos os advérbios podem ou devem ser analisados pelos critérios adotados. Tratá-los como elementos circunstanciadores, que modificam verbos, adjetivos, advérbios, ou mesmo sentenças, como já pontuam algumas gramáticas normativas, significa assumir que eles ostentam comportamento sintático-semântico bastante homogêneo. Na prática, como vimos nos apontamentos feitos por vários autores, nem todos os advérbios podem ser enquadrados nem na definição nem na classificação tradicionais. O item *aí* ilustra bem isso, como mostramos na última parte do capítulo. É um elemento que pode, a depender das intenções comunicativas dos falantes, assumir um comportamento não apenas de natureza sintático-semântica, mas de natureza pragmático-discursiva, uma propriedade que pode ser explicada a partir de um quadro teórico como o da corrente funcionalista, cujos pressupostos básicos serão apresentados no próximo capítulo. Dentre eles, daremos destaque àqueles que dão conta da chamada gramaticalização, um fenômeno de mudança linguística.

3 FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO E GRAMATICALIZAÇÃO: DOS PRESSUPOSTOS BÁSICOS À MULTIFUNCIONALIDADE DO ITEM *AÍ*

3.1 Introdução

Neste segundo capítulo, apresentaremos, na primeira parte, alguns pressupostos da abordagem teórica que sustenta nosso trabalho, o funcionalismo linguístico. Na segunda, trataremos da temática que nos dará base para explicar as mudanças que atingem o nosso objeto de estudo, a gramaticalização, um fenômeno de mudança considerado por muitos autores como responsável pela constante renovação do sistema de uma língua. Por fim, na terceira parte, destacaremos algumas pesquisas já feitas sobre o item *aí*, com o intuito de relacionar teoria funcional e gramaticalização com usos concretos na língua portuguesa.

3.2 Funcionalismo linguístico: algumas considerações

Para dar conta dos fenômenos linguísticos, dois grandes paradigmas científicos foram criados, o formalismo e o funcionalismo, frutos de olhares particulares sobre linguagem, língua, gramática, sujeitos da linguagem, contextos, formas, funções etc. Por um lado, o formalismo procura explicar as estruturas internas da língua, entendendo-a como um conjunto de formas que se relacionam entre si, com absoluta independência de suas relações sociais. Por outro, o funcionalismo, cada vez mais presente nos estudos linguísticos atuais, procura compreender a linguagem enquanto instrumento de interação social entre os indivíduos. Nesta última perspectiva, as expressões ou estruturas linguísticas não são interpretadas como objetos formais, mas como resultantes das práticas efetivas de comunicação.

É fato que os formalistas não negam que a língua possua funções sociais e cognitivas, no entanto, eles defendem que elas não interferem no sistema. Os funcionalistas, por sua vez, reconhecem a importância da forma, mas sustentam que o discurso é muito mais que um simples conjunto de unidades linguísticas desassociadas do contexto.

Para entender o que diferencia cada um dos paradigmas, apresentamos, um quadro proposto por Dik (1978), adaptado de Neves (2001, p. 46-47):

Quadro 1: Paradigma Formal vs. Paradigma Funcional

	Paradigma Formal	Paradigma Funcional
a. Definição de língua	Conjunto de orações	Instrumento de interação social
b. Principal função da língua	Expressão dos pensamentos	Comunicação
c. Correlato psicológico	Competências: capacidade de produzir, interpretar e julgar orações	Competência comunicativa: habilidade de interagir socialmente com a língua
d. O sistema e seu uso	O estudo da competência tem prioridade sobre o da atuação	O estudo do sistema deve fazer-se dentro do quadro do uso
e. Língua e contexto /situação	As orações da língua devem ser descritas independentemente do contexto / situação	A descrição das expressões deve fornecer dados para a descrição de seu funcionamento num dado contexto
f. Aquisição da linguagem	Faz-se com o uso de propriedades inatas, com base em um <i>input</i> restrito e não estruturado de dados	Faz-se com a ajuda de um <i>input</i> extenso e estruturado de dados apresentados no contexto natural
g. Universais lingüísticos	Propriedades inatas do organismo humano	Explicados em função de restrições: comunicativas, biológicas ou psicológicas, e contextuais
h. Relação entre a sintaxe, a semântica e a pragmática	A sintaxe é autônoma em relação à semântica; as duas são autônomas em relação à pragmática; as prioridades vão da sintaxe à pragmática, via semântica.	A pragmática é o quadro dentro do qual a semântica e a sintaxe devem ser estudadas; as prioridades vão da pragmática à sintaxe, via semântica.

Desse quadro, destacamos algumas características do paradigma funcional, vertente que adotamos para embasar a nossa pesquisa: a língua é concebida como um instrumento de interação social e sua função primária é a comunicação; o estudo das formas e do sistema só pode ser compreendido se considerado o uso efetivo; sintaxe e semântica só podem ser compreendidas satisfatoriamente dentro de uma teoria pragmática, isto é, dentro de uma teoria da interação verbal.

De acordo com Neves (2001), esse paradigma ganhou destaque a partir da chamada Escola Linguística de Praga, com estudiosos que buscaram construir uma teoria cujo enfoque passou a ser dado não mais ao sistema ou à estrutura de uma língua, mas à natureza funcional da linguagem. Seguindo esse propósito, várias abordagens “funcionais” surgiram no Ocidente e no Oriente, e, apesar de compreenderem muitas direções, segundo Castilho (2012), há postulados que as unificam. São eles: (a) a língua é uma competência comunicativa, (b) as estruturas linguísticas são objetos autônomos e a (c) explicação linguística deve ser buscada nos usos linguísticos e numa percepção pancrônica da língua.

Quando é dito que a língua é uma competência comunicativa significa que os falantes têm a capacidade de selecionar os itens linguísticos a depender de suas intenções, priorizando certos usos e descartando outros. O postulado de que as estruturas linguísticas são objetos autônomos se sustenta na ideia de que as estruturas são modeladas conforme as pressões do uso, responsáveis pelas mudanças que as atingem. O terceiro postulado orienta, primeiro, que a explicação deve ser pensada em função de motivações externas à estrutura linguística, segundo, que a explicação deve ocorrer por meio de descrições sincrônicas combinadas com estudos de evolução histórica.

Sobre o funcionalismo, Castilho (2012, p. 21) afirma que não se trata de

[...] uma abordagem monolítica; ao contrário, ele reúne um conjunto de subteorias que coincidem na postulação de que a língua tem funções cognitivas e sociais que desempenham um papel central na determinação das estruturas e dos sistemas que organizam a gramática de uma língua. Essas estruturas não são fechadas, pois representam as continuadas gramaticalizações das necessidades sociais de expressão e de intercomunicação. A pesquisa funcionalista, portanto, concentra-se no esclarecimento das relações entre forma e função, especificando aquelas funções que parecem exercer influência na estrutura gramatical.

Uma dessas subteorias a que o autor se refere, ou como afirma Neves (2001), um dos modelos funcionalistas, é a conhecida Teoria da Gramática Funcional (desenvolvida por Simon Dik (1978), na Holanda), compreendida como “uma teoria da organização gramatical das línguas naturais [...] que assenta que as relações entre as unidades e as funções das unidades têm prioridade sobre seus limites e sua posição, e que entende a gramática como acessível às pressões do uso” (NEVES, 2001, p.15).

Como o próprio nome sugere, a Gramática Funcional concebe que as funcionalidades das expressões linguísticas se dão a partir dos diversos usos da língua. O que importa, então, é o uso efetivo das expressões linguísticas no processo de interação verbal, considerando, de um lado, a intenção e a informação pragmática do falante, e, de outro, a informação pragmática do destinatário, bem como sua conjectura sobre qual tenha sido a intenção comunicativa do falante. A partir do contexto comunicativo, o falante seleciona o registro a ser utilizado em sua atuação linguística. Suas escolhas no ato comunicacional estão ligadas ao papel que assume na interação verbal (NEVES, 2001).

A interação verbal, como afirma Dik (1978, *apud* Neves, 2001), é compreendida como uma atividade cooperativa, regida por regras sociais e convenções. Logo, as estruturas linguísticas, instrumentos usados nessa atividade, são também regulares e governadas por dois tipos de sistemas de regras: de uma lado, as regras linguísticas (as regras semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas), de outro, as pragmáticas (que governam a interação verbal, como atividade cooperativa).

Nessa perspectiva, a língua deve ser vista pelo seu caráter dinâmico, e a gramática como um influenciador do discurso, e vice-versa. Gramática é compreendida como um conjunto de regularidades convencionadas via repetição, por isso, a gramática de uma língua nunca está completa; está sempre mudando em busca de sua constituição, mas nunca chegando a se constituir de fato. Desse modo, a gramática de uma língua está sempre se modificando, pois formas/palavras já existentes assumem novas funções frente aos usos que os falantes fazem delas em suas práticas comunicativas (HOPPER, 1991).

Como resultado dessa dinamicidade, formas e funções são adaptadas pelos falantes dadas as necessidades comunicativas, resultando, assim, em processos de mudanças linguísticas. Um desses processos é denominado de gramaticalização, um fenômeno responsável pela renovação constante do sistema de uma língua. A respeito dele, discutiremos na seção a seguir.

3.3 Gramaticalização: fenômeno de mudança

Gramaticalização, termo introduzido pelo francês Antoine Meillet, em 1912, designa a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra originalmente lexical (HOPPER; TRAUOGOTT, 2003). Trata-se de um fenômeno relacionado à necessidade de a gramática de uma língua se refazer constantemente, dado o seu caráter dinâmico. É um processo que envolve a

[...] transição gradual de 'palavras principais' para 'palavras acessórias' e, enfim, para 'palavras gramaticais' em estágios de uma língua. Itens pertencentes às categorias 'de conteúdo lexical', como verbos e adjetivos, passam a fazer parte de categorias 'vazias de conteúdo lexical', como auxiliares e certas preposições; e, em seguida, transformam-se em clífticos e afixos, antes de desaparecerem completamente (VITRAL; RAMOS, 2006, p. 13).

Trata-se de uma transformação que não ocorre rapidamente, podendo haver, durante o processo, estágios de ambiguidade, em que uma palavra, por exemplo, pode fazer parte de duas categorias simultaneamente. Assim, novas formações gramaticais podem surgir mesmo existindo outra categoria, na mesma língua, com equivalência funcional.

Nesse sentido, podemos entender a gramaticalização como a alteração de propriedades semânticas, sintáticas, pragmáticas e discursivas de um item linguístico, o que conseqüentemente pode desencadear uma mudança no seu estatuto categorial. Um clássico exemplo de gramaticalização é a forma usada para expressar o tempo futuro no português. Conforme explicam Votre *et al* (2004, *apud* BARBOSA, 2006, p. 41),

[...] no latim clássico, o futuro era expresso através de desinência: *amabo*. Paulatinamente, passou a ser expresso por uma perífrase verbal, tendo o verbo *haver* como auxiliar: *amare habeo*. Essa construção percorreu o ciclo funcional, acabou integrando-se, tendo o verbo *habere* reduzido seu corpo fonético a uma desinência de futuro: *amarei*. Finalmente, no português atual, o futuro vem sendo expresso, principalmente na oralidade, por uma nova perífrase, agora com o verbo auxiliar *ir vou amar*. Segundo os autores, isso mostra que, embora pareça haver idas e vindas, a história das construções linguísticas só apresenta idas, no sentido de que a continuidade do uso de uma construção leva à aproximação de morfemas, à integração, ao desgaste das formas

Segundo Castilho (1997), a gramaticalização remete a uma carga funcional dentro do contexto discursivo, uma vez que os itens sofrem uma evolução categorial alterando seu nível de concretização para abstração. Assim, gramaticalização é o trajeto empreendido por um item lexical ao longo do qual ele muda de categoria e adquire novas propriedades funcionais na sentença, podendo sofrer alterações fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas. Ela se efetiva, portanto, quando um item linguístico, de natureza lexical, começa a adquirir propriedades de natureza gramatical, ou, se já possui estatuto gramatical, sua gramaticalidade é ampliada.

Numa formulação mais apropriada, Gonçalves *et al* (2007, p. 22) esclarecem:

A gramaticalização poderia, então, ser definida como um processo por meio do qual alguns elementos de conteúdo lexical se desenvolvem, no decorrer do tempo, e se tornam elementos gramaticais e, se gramaticais, passam a mais gramaticais ainda, apresentando-se mais previsíveis no que diz respeito a seu uso.

Sobre o termo gramaticalização, ele pode apresentar dois sentidos: *stricto sensu* e *lato sensu*. A gramaticalização *stricto sensu* é usada para dar conta de mudanças que atingem as formas que migram do léxico para a gramática. Já a gramaticalização *lato sensu*, de mudanças que se dão no interior da própria gramática, como, por exemplo, os processos sintáticos e discursivos de fixação de ordem vocabular (FURTADO DA CUNHA; SILVA, 2010).

Quanto à perspectiva que a gramaticalização deve ser estudada, há divergências entre os autores. Para Hopper e Traugott (2003), pode se adotar uma perspectiva “histórica”, estudando-se as origens e as mudanças que afetam as formas gramaticais, ou uma perspectiva “mais sincrônica”, quando o fenômeno é estudado do ponto de vista de padrões fluidos dos usos linguísticos. Autores como Votre *et al.* (2004, *apud* SANTOS, 2007), por sua vez, acreditam que a linguística funcional é essencialmente pancrônica, pois os princípios que a norteiam podem ser aplicados quer aos padrões fluidos do uso da língua, que podem ser observados num corte sincrônico, quer aos processos de mudança, que se depreendem na trajetória diacrônica.

Gonçalves *et al.* (2007), ainda, acrescentam que a gramaticalização pode ser distinguida segundo o tipo de trabalho ou método adotado para estudá-la. A depender

do fenômeno, a gramaticalização pode ser considerada um processo ou um paradigma:

A gramaticalização é considerada *paradigma* se observada num estudo da língua em que se preocupe em focalizar a maneira como formas gramaticais e construções surgem e como são usadas. É considerada *processo* se se detiver na identificação e análise de itens que se tornam mais gramaticais (p.16).

Para justificar a gramaticalização como um processo da língua, vários autores apresentam evidências empíricas. Dentre eles, destacamos Vitral e Coelho (2010), que afirmam: “ao se gramaticalizar, uma forma linguística sofre algumas modificações, que passam a constituir evidências empíricas de um processo de gramaticalização” (p. 80). A primeira delas é a alteração semântica, quando o item sofre uma perda gradual de seu conteúdo nocional e uma incorporação do conteúdo gramatical, ou seja, itens de natureza mais concreta passam a obter traços de natureza mais abstrata.

A outra evidência é a frequência de uso. Se estiver se gramaticalizando, a tendência é que o item passe a ser mais frequente, que o seu uso enquanto elemento gramatical aumente, e que, diminua sua frequência, enquanto elemento em função lexical. Segundo Bybee e Pagliuca (1985, *apud* VITRAL; COELHO 2010, p. 81), “ao contrário do que possa parecer, as formas linguísticas não são recrutadas pela gramaticalização por serem muito frequentes e de usos mais gerais, mas que seus usos tendem a crescer quando se submetem a esse processo”.

No que se refere a esse tipo de evidência, Haiman (1994, *apud* CEZARIO, 2012, p. 25) também destaca:

[...] a gramaticalização pode ser pensada como uma forma de rotinização da língua. Uma forma ou combinação de forma ocorre no discurso com frequência crescente e, começando como uma forma não usual de fazer ou reforçar um ponto do discurso, passa a ser um meio usual e não marcado de desempenhar esse papel. A frequência com que tais expressões ocorrem será um fator que determina se a forma passa ou não ser considerada gramatical pela nova comunidade de fala.

A terceira evidência, segundo Vitral e Coelho (2010), é a redução do material fônico, ou seja, redução de carga sonora do item linguístico. Entretanto, esses autores destacam que

[...] que nem todos os itens em processo de gramaticalização sofrem redução fônica, pois esta é determinada não apenas pela frequência do uso, mas também pelas características fonéticas do item. Assim, se se trata de um item monossilábico e tônico, é pouco provável que haja perda de material fônico. Alguns estudiosos atribuem essa tendência da língua a um princípio de economia, segundo o qual o falante tenta reduzir, naturalmente o material fônico dos itens que emprega com mais frequência (p. 81).

Essas evidências destacadas, segundo Vitral e Coelho (2010), devem se agregar à redução dos contextos sintáticos em que o item pode ocorrer. Com isso, tem-se “o aumento da previsibilidade de uso e a fixidez da posição contextual em que o item pode figurar” (p. 82). Quanto mais gramatical o item se tornar, mais regular ele será, isto é, passará a sofrer restrições da gramática, com funções previsíveis e com maior rigidez de atuação.

Quanto ao uso do termo gramaticalização, é importante esclarecer que não há um consenso entre os autores. Poggio (2002) aponta que há uma diversidade de perspectivas sobre a gramaticalização e que o desacordo se verifica também quanto ao termo adotado para nomear o processo: gramaticização, gramatização, gramaticalização, apagamento semântico, condensação, enfraquecimento semântico, morfologização, reanálise, redução, sintaticização. Segundo Gonçalves *et al.* (2007), há uma tendência maior de o termo gramaticalização relacionar-se com uma perspectiva diacrônica e de gramaticização, com uma perspectiva sincrônica. Apesar dessa tendência, esclarecemos que, em nossa pesquisa, usaremos o termo gramaticalização, por ser o termo mais difundido nas pesquisas linguísticas.

Na próxima seção, apresentaremos alguns dos princípios e/ou mecanismos considerados pelos autores nas explicações dadas a fenômenos de gramaticalização. São pressuposições teóricas que para uns se sustentam, para outros, são objetos de críticas que se manifestam em função da abordagem adotada. Não é nosso intento apresentar todas as discussões, mas sim apenas elencar alguns princípios e/ou mecanismos que consideramos relevantes na compreensão do estatuto teórico da gramaticalização.

3.3.1 Princípios e/ou Mecanismos da Gramaticalização

No processo de gramaticalização, um dos princípios atuantes envolve a exploração de velhas formas para novas funções, ou seja, conceitos mais concretos são mobilizados para a explicação de conceitos menos concretos ou abstratos. Para Heine *et al.* (1991), essa reinterpretação de valores categoriais envolve dois mecanismos: a *metáfora*, transferência conceitual, que aproxima domínios cognitivos diferentes, e a *metonímia*, motivação pragmática, que envolve a reinterpretação induzida pelo contexto.

Para Gonçalves *et al.* (2007), a *metáfora* envolve a abstratização de significados, domínios lexicais ou menos gramaticais são estendidos metaforicamente para mapear conceitos de domínios gramaticais ou mais gramaticais. Assim, dois conceitos diferentes são metaforicamente igualados e o significado que é usado para um deles é estendido para se explicar o outro. Dessa forma, os seres humanos também compreendem e conceituam o mundo que os cerca: as coisas mais próximas são mais claramente estruturadas e menos abstratas do que as que estão mais distantes. Assim, há uma escala cognitiva que possibilita essa mudança categorial, pois

quando se quer arranjar rótulos para novos conceitos, uma das estratégias possíveis é utilizar formas já existentes na língua, estendendo seu uso à expressão destes conceitos novos. Essa estratégia segue o princípio de que conceitos concretos são usados para descrever conceitos menos concretos e mais difíceis de serem conceitualizados, de acordo com a escala: PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE (MARTELOTTA, 1993, p. 82).

Essa lógica da escala constitui domínios de conceitualização importantes, e, como já foi dito, a relação entre eles é metafórica, na medida em que qualquer uma categoria serve como fonte conceitual para conceitualizar metaforicamente sua categoria à direita (por exemplo, o domínio “espaço” pode passar a ser “tempo”), surgindo então a noção de metáfora categorial. O item *aí* ilustra bem essa noção: prototipicamente é advérbio de lugar, mas também pode desempenhar a função de advérbio de tempo. Outra escala/trajetória importante, para se compreender a gramaticalização, é a que propõe Confessor (2008, p.03):

ESPAÇO > (TEMPO) > TEXTO, segundo essa proposta, elementos indicadores de espaço externo, por transferência metafórica, passam a ser empregados como indicadores temporais e, por fim, como organizadores do espaço textual, sendo possível um percurso do espaço externo diretamente para o espaço textual. Os autores consideram a categoria TEXTO como pertinente à categoria QUALIDADE (um de seus subtipos).

Quanto à *metonímia*, Gonçalves *et al.* (2007), dentre os autores que citam, destacam Lakoff e Johnson (1980), que explicam que a metonímia tem uma função referencial, permitindo ao falante usar uma entidade em substituição a outra, como é o caso, por exemplo, das “relações de substituição da ‘parte pelo todo’; ‘do produtor pelo produto’; ‘do objeto pelo usuário’; ‘do controlador pelo controlado’; ‘da instituição pela pessoa responsável’, ‘do lugar pela instituição’ e assim por diante” (GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 46). Esses autores também explicam que:

A mudança de significado por associação metonímica resulta de um raciocínio ‘abduativo’, por meio do qual o falante observa determinado resultado no discurso, invoca uma lei (da linguagem) e infere que, a um uso posterior, pode ser aplicada essa mesma lei (...). É o que acontece, por exemplo, na contiguidade de conceitos existentes em uma construção com o verbo *ir*, em uma frase do tipo *João vai comprar um carro*, à qual cabe tanto uma leitura de movimento (*Aonde João vai?*) quanto uma leitura de futuridade (*O que João vai fazer?*). Contextos como esses permitem que, em momentos posteriores, somente a leitura de futuridade esteja disponível, como em *O prédio vai cair*, deixando de lado a leitura de movimento, que exige um sujeito animado que se move (**Aonde o prédio vai?*) (p. 48).

Sobre esses dois mecanismos, Gonçalves *et al.* (2007) esclarecem que eles podem atuar em conjunto numa fase da mudança de um item. Enquanto a metáfora é responsável pela transferência de um domínio conceitual para outro, a metonímia favorece a contiguidade de significações.

Hopper (1991) também apresenta alguns princípios que justificam a natureza da gramaticalização, são eles: *estratificação*, *divergência*, *especialização*, *persistência* e *de categorização*.

O princípio denominado de *Estratificação (layering)* é usado para dar conta das novas camadas que emergem dentro de um domínio funcional amplo, e, nesse processo, ocorre que uma forma mais antiga não é descartada, passando a coexistir com a forma mais nova, resultando, assim, em caso de variação linguística. Omena e Braga (1996, *apud* GONÇALVES; CARVALHO, 2007) tratam da forma “a gente” no

português falado para ilustrar esse princípio. Elas apontam que, em alguns contextos, a expressão “a gente” passou a competir com as formas de 1ª pessoa, “eu” e “nós”, mais frequentemente com o “nós” do que com o “eu”: “... *a gente tem condições de fazer uma documentação certa...*”; “... *nós temos aqui uma dificuldade muito grande...*”.

A *Divergência (divergence)* é um princípio aplicado aos casos em que um mesmo item lexical pode se gramaticalizar em um contexto e não em outro, podendo manter suas propriedades originais, preservando-se como um item autônomo. Gonçalves e Carvalho (2007) ilustram tal princípio também com o caso da construção “a gente”, cujo substantivo permanece no sistema da língua como item autônomo, sem qualquer alteração fonológica, como mostra a ocorrência: “*realmente deve ser uma delícia ter uma família bem grande com bastante gente...*” (NURC/SP).

A *Especialização (specialization)* dá conta da diminuição de possibilidades de escolha para expressão de uma determinada noção gramatical, aumentando a frequência do uso da forma mais adiantada no processo de gramaticalização. No trabalho de Omena e Braga (1996, *apud* GONÇALVES; CARVALHO, 2007), observa-se a larga frequência da forma “a gente” (forma mais gramaticalizada) em quase todas as posições sintáticas (sujeito, complemento, adjunto adverbial, adjunto adnominal), em detrimento da forma “nós”, um uso regular tanto na fala de crianças quanto de adultos.

O princípio da *Persistência (persistence)* explica situações em que alguns traços do sentido original tendem a permanecer nos novos sentidos, o que pode ocasionar restrições sintáticas para o uso da forma gramaticalizada. Os resultados de Omena e Braga também mostram que há uma maior probabilidade de uso de “a gente” na referência a um grupo grande e indeterminado de pessoas do que a um grupo pequeno e determinado. As autoras ilustram isso com a sentença: “*porque todos nós procuramos ter é uma velhice tranquila*”. Se trocarmos o “*todos nós*” por “*todos a gente*” a sentença ficaria agramatical. As restrições sintáticas ficam por conta de a forma inovadora “a gente” não aceitar ser modificado pelo quantificador “todo”, por exemplo. Ou seja, “a gente” nem sempre consegue substituir perfeitamente a forma “nós”.

Por fim, a *Decategorização (de-categorization)* é um princípio usado para justificar as conseqüentes perdas gramaticais sofridas pelos itens linguísticos. Quanto mais gramaticalizado estiver o item, mais ocorrerá a perda propriedades gramaticais.

Segundo Gonçalves e Carvalho (2007), a forma em gramaticalização tende a perder ou neutralizar as marcas morfológicas e os privilégios sintáticos que caracterizam a forma plena. Isso se aplica também ao caso dos itens “gente” e “a gente”, como se pode notar no quadro abaixo:

Quadro 2: Diferenças morfossintáticas entre as formas *gente* e *a gente*

Processos Morfossintáticos	Substantivo <i>gente</i>	Pronome <i>a gente</i>
Flexão de número	+ (gentes)	-
Grau	+ (gentinha)	-
Derivação	+ (gentalha, gentarada)	-
Quantificador	+ (toda a gente)	-
Determinante	+ (a gente)	-
Possessivo	+ (nossa gente)	-
Adjetivação	+ (gente boa / boa gente)	-

Fonte: GONÇALVES; CARVALHO, 2007, p. 84.

Como ilustrado, o item *gente*, antes substantivo, se torna *a gente*, forma pronominalizada, um processo que, como vimos, pode ser explicado por meio dos princípios de Hopper (1991). Assim como esse autor, Heine e Kuteva (2007) também explicam o processo de gramaticalização considerando parâmetros que, segundo eles, se interrelacionam nos diferentes níveis: semântico, pragmático, morfossintático e fonético. São eles: *extensão*, *dessemantização*, *decatégorização* e *erosão*.

Na *extensão*, ou generalização de contexto, ocorre expansão dos novos usos em novos contextos. A *dessemantização*, também conhecida como *bleaching* ou redução semântica, é caracterizada pela perda de conteúdo semântico. Quando utilizado em novos contextos, o item perde seu sentido original, adquirindo novas funções de natureza pragmático-discursiva. A *decatégorização*, ou mudança categorial, se refere à perda de propriedades típicas da forma fonte. Há, por isso, uma perda da liberdade sintática, comum aos itens lexicais. A *erosão*,

ou redução fonética, significa perda de substância fonética. O elemento tende a sofrer a coalescência, fusão das formas adjacentes; e a condensação, diminuição de forma.

Especificamente no que diz respeito à mudança semântica de um item em gramaticalização, Willet (1988, *apud* FRAGOSO, 2003) defende três hipóteses para explicá-la: primeira, que é promovida por extensões metafóricas (o significado mais concreto de uma expressão é usado para descrever uma expressão mais abstrata), segunda, por inclusão (os significados gramaticais são parte da estrutura semântica interna presente na origem lexical) e, terceira, por implicatura (o meio para se criar significados secundários, que passam gradualmente a significados primários, é a convencionalização das implicaturas). Castilho (2003) também, no intento de explicar o que ocorre nos processos de gramaticalização, propõe três subprocessos:

[...] fonologização (alterações no corpo fônico das palavras), morfologização (alterações que afetam o radical e os afixos) e sintaticização (alterações que afetam os arranjos sintagmático e sentencial). Esses subprocessos ocorrem simultaneamente, sem uma hierarquia de precedência entre eles. Entretanto, observa-se um ritmo unidirecional no tratamento das palavras no interior de cada um desses subprocessos (p.23).

E, por meio das palavras de Castilho, damos destaque, aqui, a um dos princípios fundamentais do processo de gramaticalização, a unidirecionalidade, uma espécie de lei geral da gramaticalização, que orienta o ritmo unidirecional a que o autor se refere. É esse princípio que rege os mecanismos/processos/parâmetros da gramaticalização. A propósito dele, Neves (2001, p. 121) esclarece: “a unidirecionalidade da gramaticalização é tida como uma característica básica do processo, partindo-se do princípio de que uma mudança que se dá numa direção específica não pode ser revertida”.

Conforme Hopper e Traugott (2003), esse princípio se caracteriza da seguinte forma: um trajeto de mudança se caracteriza pela relação estabelecida entre dois estágios, A e B, tal que A ocorra antes de B, mas não vice versa. Na visão desses autores, a gramaticalização avança e não retorna; mas pode não necessariamente atingir o estado final e completo que seria a transformação de um item lexical em um morfema. Eles admitem ainda que deve haver, no léxico, um *continuum* (uma linha imaginária) que respeita a seguinte correlação: categoria maior [nome, verbo,

pronome] > categoria média [adjetivo, advérbio] > categoria menor [preposição, conjunção] (HOPPER; TRAUGOTT, 2003). A mudança de uma categoria para outra, como já afirmamos, não ocorre de forma abrupta, mas se manifesta através de uma série de pequenas transições, representadas no *continuum* a que se referem Hopper e Traugott (2003).

É importante ressaltar que há uma falta de consenso sobre o princípio da unidirecionalidade entre os pesquisadores que se dedicam ao estudo da gramaticalização. Uns defendem-na como uma hipótese passível de verificação empírica (HOOPER; TRAUGOTT, 1993), outros, como propriedade definitiva do processo (HEINE *et al.*, 1991 *apud* GONÇALVES *et al.*, 2007). Independentemente das discussões convergentes ou não promovidas pelos autores, assumimos, em nosso trabalho, que a unidirecionalidade corresponde a uma estratégia que pode sim ser usada para explicar os diversos usos de uma determinada forma.

Na próxima parte, destacaremos algumas pesquisas que tratam da multifuncionalidades do *aí*, nosso item de estudo.

3.4 O item *aí* em algumas pesquisas na língua portuguesa: abordagens funcionais

O item *aí* tem sido objeto de algumas pesquisas na língua portuguesa, que sustentam a ideia de que tal item passado por processo de gramaticalização. Uma dessas pesquisas é a de Martelotta (1993), que investigou o comportamento dos circunstanciadores temporais e sua ordenação na sentença a partir de um *corpus* constituído de entrevistas dos projetos *Censo de Variação Linguística, Competências Básicas do Português* e *NURC*, bem como de um *corpus* composto de textos antigos. Explicou que os circunstanciadores (logo, depois, então, ainda, já e aí) se encontram em estágios de gramaticalização, compreendendo o percurso espaço > (tempo) > texto, o que constitui uma mudança linear e unidirecional. Justificou que, com a gramaticalização, os elementos perdem valor semântico e passam a assumir funções argumentativas, interferindo basicamente em sua colocação na sentença. Nesse processo, passam a desempenhar funções mais gramaticais, assumindo, então, posições mais fixas na sentença.

No caso específico do *aí*, Martelotta (1993) o analisou como operador argumentativo e destacou os seguintes usos: *aí* dêitico, *aí* anafórico, *aí* sequencial, *aí* introduzindo informação nova, *aí* conclusivo, *aí* como elemento modificador de substantivos e *aí* em degramaticalização. Para ele, tal operador obedece a duas trajetórias de gramaticalização diferentes, que partem do mesmo ponto, que é o uso dêitico espacial: a primeira trajetória leva o elemento a assumir, em determinados contextos, uma função sequencializadora, gerando os usos do *aí* introduzindo novas informações e *aí* em contexto conclusivo; a segunda leva o *aí* a entrar na estrutura de sintagma nominal e funcionar como elemento modificador de substantivos.

Santos (2008) pesquisou os vocábulos *então* e *aí*, utilizando como *corpus* um texto do português arcaico do século XIV e registros da fala culta de Salvador da década de 70 e de 90. Após a análise, observando os processos de gramaticalização por que passaram os itens, constatou que tanto o *então* como o *aí* não perderam de todo a sua função original de advérbio. Entretanto, verificou o desgaste, promovido pela perda de propriedades prototípicas, quando passam a desempenhar funções mais discursivas: encadeadores da narrativa (ex. “bom, **aí** volto então à lembrança antiga”) ou marcadores conversacionais (ex. “[...] eu já vi até de pneu... com lonas... **aí**... eu não...).

Pereira (2009) estudou as estruturas díticas, normalmente compostas por advérbio de lugar, como *aqui*, *aí* e *ali*, e constatou que, além da expressão de advérbio, nas posições anafórica e catafórica, lhe estão associados outros valores semânticos. Por exemplo, o *aí* dítico como localizador espacial que configura o espaço relativo ao momento e lugar de enunciação: “tu estás **aí** sentado”; *aí* dítico como localizador temporal que denota um intervalo de tempo no futuro que se aproxima do momento da enunciação: “vem **aí** muita chuva”; e o *aí* como expressão de valor modal, análise funcional ou pragmática que tem a ver com a força ilocutória que advém do seu uso, principalmente na oralidade: “cala-te **aí**, rapaz”.

Pereira (2009) demonstrou que esses termos podem também conceber valores que se identificam com a modalidade no discurso e que, por vezes, se relacionam com o cumprimento de um ato ilocutório, não se apagando, contudo, inteiramente a noção de localização espacial. Dessa forma, o autor explicitou que as estruturas díticas, com os advérbios de lugar, podem ser indicadoras de espaço, tempo e de valores modais, decorrentes de relações que se estabelecem entre as palavras e as circunstâncias de sua utilização.

Souza (2011) analisou o processo de gramaticalização do *aí* no português falado do noroeste paulista, a partir dos níveis interpessoal, representacional, morfossintático e fonológico. Também considerou em sua análise as camadas de organização da Gramática Discurso-Funcional cuja teoria busca entender como as unidades linguísticas são estruturadas e as funções comunicativas que elas expressam na língua.

Com base em categorias pragmáticas e semânticas, Souza (2011) mostrou que o uso mais concreto do *aí*, o de advérbio locativo (como por exemplo “eu tenho um colega..., e a casa dela fica **aí**”) está situado na predicação do nível representacional (definido pela semântica representada de uma unidade linguística). À medida que vai adquirindo novas funções, como introdutor de episódios e marcador discursivo, ele passa também a operar em outras camadas de organização dos níveis representacionais e interpessoais, percorrendo uma trajetória unidirecional de mudança.

Pereira e Oliveira (2011) desenvolveram uma pesquisa sincrônica objetivando detectar a multifuncionalidade do item *aí*, a partir de sua recorrência na língua portuguesa falada no Brasil. Utilizando como *corpus* Amostras da Língua Falada na Zona Rural de Feira de Santana, constataram que o *aí* está caminhando para um grau mais aprofundado de gramaticalização, pois, somadas as porcentagens do *aí* em todas as categorias extralinguísticas, a maior recorrência foi de função sequenciadora, com 51% dos casos. É importante ressaltar, segundo os resultados, que as mulheres utilizam mais os sequenciadores e que o uso em unidades pré-fabricadas (quando o *aí* acompanha verbos ou outros itens lexicais formando um pequeno sistema) foi o menos recorrente entre todas as funções.

Silva (2013) procurou identificar em que estágios se encontra o item *aí* usado por falantes de distintos graus de instrução, a partir dos processos de gramaticalização e discursivização eventualmente sofridos por tal item. Foram analisadas as falas de uma professora de Educação de Jovens e Adultos (EJA), pós-graduada e habitante de zona urbana, e dos seus setes alunos, trabalhadores rurais. Foram identificadas nessas entrevistas 114 usos do *aí*, sendo que, por alunos, os usos foram prioritariamente para indicar sequenciação temporal (ex. “eu perguntei a ela **aí** ela disse que a menina dava aula aqui”).

Já pela professora, esses usos oscilaram entre anáfora temporal (ex. “a EJA do campo ele domina ainda só sabe ligar e desligar a televisão eles não sabem inserir

um CD ou um DVD eles não sabem então veja a diferença *aí*”), sequenciação textual, estrutura pré-fabricada e especificador de sintagma nominal indefinido (*aí* aparece junto e especificando determinado nome). Portanto, o uso do *aí* foi mais recorrente pelo grupo com menor nível de instrução (alunos), sendo ele um uso mais abstrato, ligado mais ao nível discursivo e pragmático, em comparação ao uso da professora.

Em suma, essas pesquisas comprovam que, de fato, o *aí*, comumente classificado como advérbio, assume outras funções que não são previstas nas descrições tradicionais, apontando, assim, indícios de mudanças funcionais no comportamento desse item. Há, portanto, uma forte tendência do item *aí* em se gramaticalizar, mesmo que seja em estágios diferentes.

3.5 Encerrando o capítulo

Do que foi apresentado, vimos que o funcionalismo linguístico compreende a linguagem enquanto instrumento de interação social entre os indivíduos, considerando que o discurso é muito mais que um simples conjunto de unidades linguísticas. Nessa corrente de estudos, uma das teorias usadas para explicar o processo de mudança linguística é conhecida como gramaticalização, responsável pela renovação constante da língua, no qual um item lexical muda de categoria e adquire novas propriedades funcionais. Também abordamos a multifuncionalidade do *aí* através de algumas pesquisas realizadas no âmbito da língua portuguesa, comprovando a ideia de que o item está em processo de gramaticalização, desempenhando funções além das previstas nas gramáticas tradicionais. No intuito de complementar essas pesquisas, apresentaremos, no próximo capítulo, os nossos resultados, alcançados por meio de um *corpus* constituído de entrevistas.

4 O ITEM *AÍ* NO GÊNERO ENTREVISTA: DESCRIÇÃO E ANÁLISE

4.1 Introdução

Neste capítulo, apresentaremos a descrição e análise do item *aí* no gênero entrevista. Antes disso, teceremos algumas considerações sobre o gênero *entrevista*, dando destaque ao Programa “Marília Gabriela Entrevista”, que serviu de fonte para constituição de nosso *corpus*. Descreveremos como ocorreu o processo metodológico da pesquisa e os critérios que foram utilizados. Demonstraremos as funções analisadas, assim como os resultados quantitativos e qualitativos deste estudo. Por fim, refletiremos sobre questões acerca do funcionalismo, gramaticalização e ensino.

4.2 O gênero Entrevista

O gênero *entrevista* tem sua caracterização dada pela participação de dois ou mais sujeitos, que constroem os discursos a partir de questões orientadoras. É importante lembrar que as expectativas do público são determinantes para o processo de construção de uma entrevista, ou seja, o contexto externo contribui de forma significativa para a elaboração desse gênero. Pode-se afirmar que há uma adequação do gênero ao contexto da produção. Então,

[...] pensar a entrevista como gênero discursivo é atender à situação comunicativa, seus interlocutores, o pacto de cooperação que se estabelece entre eles (mesmo quando seja para discordar), suas regras e suas infrações. Mas também é considerar os sentidos dessa interação, os sistemas de valoração do mundo que são colocados em jogo, a relação com outras formas discursivas, o modo ao qual se articula ao contexto sociocultural (ARFUCH, 1995, p. 27).

A propósito desse gênero, Hoffnagel (2003) observa que a grande maioria das entrevistas – entrevista de emprego, entrevista com médico, entrevistas em programas de rádio ou televisão – consiste em interações orais. O gênero discursivo *entrevista*, então, caracteriza-se por ser predominantemente oral. A autora menciona ainda o fato de até as entrevistas publicadas em jornais ou revistas serem feitas, de maneira geral, oralmente, para depois serem transcritas e publicadas. Esse é o caso das entrevistas utilizadas na pesquisa, as quais foram gravadas e transcritas.

O Programa Marília Gabriela Entrevista, fonte para constituição de nosso *corpus*, é exibido pelo GNT, canal fechado, aos domingos, às 22 horas. Segundo o site da emissora, é um programa de entrevistas que se apresenta à audiência como uma mistura entre conversa leve e embate intelectual. Traz informação e divertimento a partir dos relatos pessoais dos entrevistados através de uma temática com base na área em que atua e nas suas experiências vividas.

Marília Gabriela Entrevista, é claro, por ser um programa de entrevista, utiliza a estratégia pergunta/resposta, tendo um roteiro de perguntas sobre os assuntos a serem tratados com o entrevistado. Também há um certo improviso, de modo que a apresentadora costuma deixar descontraída a entrevista, com intervenções frequentes nas respostas dos convidados, proporcionando um clima leve e dinâmico.

4.3 Metodologia

Para a investigação do comportamento do item *aí*, nosso *corpus* foi constituído por entrevistas transcritas do Programa Marília Gabriela Entrevista, do canal GNT, veiculadas no ano de 2013, e sua escolha se justificou tendo em vista que tal programa possibilita maior descontração do entrevistado, tornando sua enunciação mais informal, desencadeando uma maior chance de inovação da fala.

Foram analisadas doze entrevistas, selecionadas em função dos fatores *sexo* (seis masculino e seis feminino) e *profissão* dos entrevistados (seis artistas - atores e músicos e seis não-artistas - médicos, empresários e políticos). Vale destacar que foram consideradas apenas as entrevistas individuais, descartando os programas que têm mais de um entrevistado. Justificamos a escolha de fatores sociais tendo em vista que eles podem influenciar de forma acentuada no processo de gramaticalização, ou seja, um uso intenso por uma determinada comunidade ou grupo social pode provocar uma mudança funcional. Quanto mais uma nova forma ou uma nova função for usada, maior a possibilidade da ocorrência do processo de gramaticalização.

Além dos fatores sociais, consideramos, na análise, os seguintes fatores linguísticos: funções do item *aí* (com o intuito de verificar as funções mais recorrentes), sua posição na sentença (com o propósito de observar particularidades que envolvem o posicionamento) e presença ou não de termos antecedentes ao *aí* (com o objetivo de analisar se o termo antecedente ao *aí* influencia em sua atuação). Entendemos

que a análise desses fatores pode nos ajudar a traçar um retrato do comportamento sintático-semântico do *aí*.

Com o *corpus* definido, estabelecemos as nossas hipóteses: primeiro, que o item *aí* será mais recorrente na função de marcador discursivo, sua função mais gramaticalizada, já que outras pesquisas demonstram isso; segundo, que o *aí* marcador discursivo será mais recorrente entre as mulheres, tendo em vista que elas são mais adeptas das mudanças linguísticas; terceiro, que o *aí* marcador discursivo será mais recorrente entre os artistas, por estes usarem de forma mais natural a linguagem; quarto, que o *aí* dêitico terá mais ocorrências na função locativa, a função prototípica; e quinta, que o *aí* dêitico apresenta mobilidade de posição, devendo ocorrer mais nas extremidades da sentença.

Estabelecidas as hipóteses, passamos, então, à análise do *corpus*: primeiramente localizamos todas as ocorrências do item *aí*; depois, identificamos as suas respectivas funções, que, em seguida, foram analisadas a partir dos fatores sociais e linguísticos determinados. A primeira análise empreendida foi a quantitativa, cujo propósito foi demonstrar, através dos números, as frequências de usos do item *aí*. A segunda análise, a qualitativa, ocorreu a partir da articulação entre resultados quantitativos, hipóteses levantadas e pressupostos teóricos adotados.

4.4 Conhecendo as funções do item *aí*

Com o objetivo de demonstrar as funções analisadas, passamos a exemplificar cada uma delas, na seguinte ordem: *aí* dêitico, *aí* anafórico, *aí* marcador discursivo (sequenciador, introdutor e consecutivo), função ambígua e *aí* em outras situações.

4.4.1 *Aí* Dêitico

As categorias dêiticas, como lugar e tempo, “fazem orientação por referência ao falante e ao aqui-agora, que constituem o complexo modo-temporal que fixa o ponto de referência do evento de fala” (NEVES, 2000, p. 256). Nesse sentido, há uma relação estreita entre a linguagem e o contexto, sendo essa relação determinante para a interpretação das categorias dêiticas, que podem indicar espaço locativo ou temporal.

4.4.1.1 *Aí* Locativo

Exprime circunstância de lugar e, juntamente com outros indicadores espaciais, localiza ponto no espaço em relação aos participantes do ato de comunicação:

(14) a. Olha... hoje eu acho que a gente tem que torcer por eles... eles estão **aí** né... eles vão atender a população brasileira. (*aí se referindo ao Brasil, já que falavam de médicos cubanos que haviam chegado ao Brasil*).

b. Eu me lembro que meu pai falou uma coisa: “olha eu não sei se isso é bom ou ruim, eu sei que isso é igual ao que tá na TV, então você precisa ir e fazendo isso deve dar certo isso **aí**...”. (*aí se referindo a determinado programa que passava na televisão*).

c. E tem uns que não deram bola pra mim. Tem um **aí**, que eu adoro, que é o tal do Jair Donar, que eu meio que propus a ele para nós escrevermos juntos e ele não me deu a menor pelota. (*aí se referindo a um lugar/contexto cujo referente envolvido é Jair Donar*)

4.4.1.2 *Aí* Temporal:

Exprime circunstância de tempo, podendo indicar momentos ou intervalos de tempo calculados em função do momento de enunciação:

(15) a. Marília Gabriela: Você tava com que idade?

Entrevistado: Tava mais ou menos **aí** com quatorze, quinze anos... (*referência à época em que o entrevistado se encontrava*).

b. Fazer esse trabalho... a gente precisa fazer com muita responsabilidade e com muita alegria também. E foi **aí** que eu comecei a pensar de uma forma que as crianças viessem para São Paulo se tratar do câncer (...) (*referência ao momento em que o entrevistado pensou nas crianças com câncer*).

c. Até pra você prestar contas, pra você receber dinheiro dos outros, ele tinha que ser transparente e organizado. Então **aí** nós fizemos a primeira casa, fundamos a Associação Pró-Hope (*referência ao momento em que o entrevistado fundou a Associação*).

4.4.2 *Aí* Anafórico

Assim como o dêitico, possui função referencial, estando o referente dentro do próprio texto. Não localiza ponto no espaço em relação aos participantes do ato de comunicação. Nessa função, o item “aí” pode ser substituído por “nisso”:

- (16) a. Eu quero justiça já e é um direito que a sociedade tem que clamar. A outra coisa é atropelar um princípio constitucional, porque **aí** você não vai tá fazendo justiça. (*referência: o atropelo de um princípio constitucional*)
- b. E aí ficou o texto. Tem coisa muito boa **aí**, você viu como tem gente incrível? (*referência: o texto*)

4.4.3 *Aí* Marcador Discursivo

Trata-se de uma função que serve para marcar a orientação argumentativa de um enunciado. O item que desempenha essa função serve de articulador, estabelecendo uma interação entre as unidades textuais e interlocutores envolvidos no ato comunicativo. Quando bem utilizado, o marcador discursivo constitui um importante recurso de coesão textual.

A propósito dos marcadores discursivos, na literatura, não há um consenso quanto à nomenclatura atribuída a itens que exercem esse papel. Penhavel (2005, p. 01) afirma que “é possível encontrar, referindo-se a esses mecanismos, expressões como marcadores conversacionais, operadores discursivos, marcadores de estruturação da conversação”. Outra autora que aborda essa questão é Freitag (2007, p. 01): “marcadores discursivos (ou ‘marcadores conversacionais’, ‘operadores

argumentativos’, ‘articuladores textuais’, não há consenso na literatura acerca da denominação) é um rótulo amplo que recobre construções [...]”. Em nosso trabalho, optamos por falar em marcadores discursivos, subdividindo-os em três funções específicas: sequenciador, introdutor ou consecutivo.

4.4.3.1 *Aí* Sequenciador

Funciona como um encadeador de eventos narrativos ou não-narrativos, operando como um elemento organizador que caracteriza o plano discursivo. Equivale à expressão “nesse momento” (tempo) ou a “nesse ponto” (discurso), já que indica que o evento seguinte ocorre no momento em que o anterior se conclui. Indica sucessão cronológica, marcando a ordem sequencial pela qual as informações são apresentadas e desenvolvidas. Pode ser substituído por “depois”:

(17) a. Em um ano atrás de repente surgiu o “Porta dos Fundos”. **Aí** eu entrei pra “Grande Família” e **aí** eu estreei no cinema o primeiro longa. **Aí** veio “Meu Passado me condena”, tudo no segundo semestre do ano passado...

b. Ela ficava num penhasco, a Irina, e eu fazia um violinista que passava num navio tocando e via aquela moça linda, **aí** um dia eu peguei um botezinho ia pra ilha e ela tinha inimigos ali, e **aí** me jogaram no penhasco um dia e eu tinha que voltar desfigurado...

c. Ele levava pra fazenda, uma vez a cada ano, levava os alunos para terem um fresco assim... E **aí** eu entrei, gostei, fui me informar, tinha que fazer exames né! **Aí** tinha que fazer assim: “você procura uma peça de teatro”. E eu falei: “que que é isso, uma peça de teatro?”. “Não, você vai na livraria Teixeira que lá tem uns caderninhos assim, você escolhe e tal”. **Aí** fui lá, tinha uns gavetões, era imenso aquilo. **Aí** peguei um assim, acho que era uma tendência à dramaticidade. **Aí** peguei um livro chamado assim: “A Honra Ultrajada”. **Aí** copiei uma cena na máquina Hamilton, uma cena... tal tal... E **aí** no dia dos exames eu fui com aquilo.

4.4.3.2 *Aí* Introdutor

Atua também de maneira sequencial, mas introduz sentenças que expressam novas informações. Organiza informações do turno discursivo, introduzindo temas relevantes. Também pode ser substituído por “depois”, com a diferença de não estabelecer relação semântica direta com a sentença anterior:

(18) a. Eu acho que é achar o fim do túnel, é tipo “ahhh... é isso ali...”. E **aí** eu saí do Jô, aí fui pra casa comecei a pesquisar escola de teatro no Rio.

b. Entrevistado: Então vamos fazer a gente.

Marília Gabriela- Mas aí?

Entrevistado: É, **aí** virou Porta dos Fundos, entrou pisando na porta!

c. Todo mundo dizia assim: “quando sua filha nascer, a primeira coisa que você vai dizer é como eu amo essa filha, que bom e tudo” e eu tava assim muito fragilizada. E **aí** esperava que ia ser um parto normal e acabou não sendo, ela sentou, enfim...

4.4.3.3 *Aí* Consecutivo

Funciona como articulador de sentenças que expressam consequência em relação ao que foi dito anteriormente. Interliga ações sucessivas em que a segunda ação é consequência da primeira. Pode ser substituído por “por isso”:

(19) a. Toda a decisão judicial no Brasil que demora a produzir efeitos, ela cria, na maioria, a legítima angústia de não ver fazer justiça. E **aí** esse aspecto também precisa ser considerado.

b. Você tem que escrever de longe. Você não pode tá dentro, porque senão você vai ficar com peninha de si e **aí** não presta. É o tipo de material que não serve para escrever.

c. Porque minha mãe morreu quando eu tinha 10 anos. E **aí** eu fui cercado pelas avós, e tia-avós, tem muito mais mulher do que homem.

Como a função de marcador discursivo foi a mais recorrente (como veremos adiante), e por ser a função que indica o estágio mais avançado do processo de gramaticalização, decidimos analisar alguns elementos do interior da estrutura em que ocorre o item, no intuito de verificar se eles interferem ou não nas três funções identificadas. Assim, verificamos a influência da presença ou não de termos imediatamente antecedentes ao *aí* marcador discursivo.

Consideramos como termo imediatamente antecedente a “conjunção” e “outros” (demais classes gramaticais) que iniciam a sentença onde o *aí* ocorre. Também consideramos os casos nomeados “sem termo imediatamente antecedente”, quando é o próprio *aí* que inicia a sentença. Em (20a), abaixo, temos ilustrado um caso de *aí* sequenciador antecedido de conjunção, e em (20b), de um caso em que o *aí* sozinho inicia a sentença:

(20) a. E eu comecei a escrever uma paródia dos “Normais” porque eu adorava “Os Normais” e como não tinha ninguém pra fazer comigo, eu fazia os dois, eu fazia o Rui, fazia a Vani [**e aí** eu pedi pra ir lá na frente] [**e aí** eu lembro naquele momento assim]⁴.

b. Eu falei: “ah que bom, eu não sabia o que fazer com isso!”, eu tinha escrito um texto desse tamanho e não sabia o que fazer. [**Aí** eu comecei a fazer em 2007] e não parei mais!

⁴ Os colchetes indicam os limites sentenciais da oração.

A seguir, em (21a), temos um caso de *aí* introdutor antecedido de conjunção, e em (21b), de um caso em que o *aí* sozinho inicia a sentença:

(21) a. Eu consegui uma profissão que eu faço as duas coisas muito, mas, [**e aí** estudei em escolas públicas] e naquelas época as escolas públicas eram ótimas, melhores que as privadas.

b. Marília Gabriela: *Aí* você vai viver aquilo...

Entrevistado: [**Aí** quando pegar você], quando chegar aquele momento, *aí* você já tá dentro da água.

Os próximos exemplos são de *aí* conclusivo antecedido de conjunção (22a) e de *aí* sozinho iniciando a sentença (22b):

(22) a. Tem alguns deboches de coisas que eu vejo na vida, na televisão, no teatro [**e aí** eu acho engraçado], principalmente se eu tô de fora.

b. Mas não tinha turbante. [**Aí** ele pegou a calça de um figurante de veludo], *aí* pegou a calça e inventou um turbante.

4.4.4 Função Ambígua

Foi denominada assim porque existem ocorrências que não puderam ser classificadas categoricamente como função dêitica, anafórica ou de marcador discursivo. A mudança de uma função não é automática, sendo previstos estágios em que a função desempenhada é indefinida, em razão da sobreposição entre o uso mais antigo e o uso mais recente. São casos que indicam o estágio de ambiguidade, comum no processo de gramaticalização:

(23) a. E tinha uma antessala onde as freguesas ficavam esperando. E **aí** eu comecei a imitar a minha avó costurando retalhos e fazia bonequinhos de fantoches. (*Aí Locativo, referindo-se à antessala ou Aí Sequencial, encadeando a ação de começar a imitar a avó*)

b. Então, nós queremos entregar o máximo de obras de microdrenagem até o final do ano, essas três obras grandes a que eu me referi, **aí** são obras de três meses. (*Aí Locativo, referindo-se às obras; Aí Anafórico, remetendo às três obras grandes ou Aí Sequencial, indicando a próxima ação de que as obras são de três meses*)

c. Marília Gabriela: Mas isso já foi no tempo da EAD...

Entrevistado: Mas **aí** o que acontece Gabi, foi que vendo que essas incursões não funcionavam eu fiz o seguinte [...]. (*Aí Anafórico remetendo ao tempo da EAD ou Aí Sequencial, dando sequência à ação de ver que as incursões não funcionavam*).

4.4.5 *Aí* em outras situações

O item *aí*, em algumas situações, pode acompanhar outros itens lexicais, formando um pequeno conjunto. Nesses casos, o *aí* altera sua carga semântica a depender do termo que se une e do contexto em que se encontra. Essas unidades pré-fabricadas são entendidas como convenções de termos utilizados em sequência, que, incorporados na sociedade via repetição, tornam-se eficientes na prática comunicativa oral e escrita (ERMAN; WARREN, 2000).

No nosso *corpus*, encontramos ocorrências de “daí”, “pera aí”, “taí” e “nem aí”, como ilustram respectivamente os exemplos abaixo:

(24) a. Eu saí agora na terceira temporada, porque **daí** eu já estava fazendo um milhão de coisas e eu não conseguia tá três vezes na semana gravando o “Esquentá”.

b. Quando a coisa começa ficar muito enorme, eu digo: “**pera aí, pera aí**... é um período, uma fase”.

c. Aí cara, como que 27 anos uma peça fica em cartaz sem parar, **taí** no teatro. E as pessoas acabam tendo aquilo como uma referência e aí quer ver aquilo também no teatro.

d. A bruxa dela era irônica, largada, jogada fora, era uma bruxa que não tava **nem aí**... Era um sucesso realmente retumbante!

Identificadas as funções, realizamos a análise quantitativa, cujos resultados, articulados com a análise qualitativa, serão apresentados a seguir.

4.5 Apresentando os resultados

O primeiro deles corresponde ao cômputo geral, visando demonstrar qual função era mais recorrente:

Tabela 1: Cômputo geral das funções do item *aí*⁵

Funções do <i>Aí</i>		
	Oc.	%
Dêítica	14/174	8
Anafórica	2/174	1,2
Marcador	150/174	86,2
Ambígua	8/174	4,6

Como podemos notar, o item *aí* é usado com funções variadas, sendo que, de um total de 174 ocorrências, nas doze entrevistas analisadas, o *aí* marcador discursivo foi o mais recorrente (86,2%). Em seguida, a função dêítica, com 8%, depois a função ambígua, com 4,6%, e, por fim, a função anafórica (1,2%). Esses resultados sinalizam que, de fato, há um processo de gramaticalização envolvendo o *aí*, já que sua função prototípica, prevista pelas gramáticas normativas (dêítica/adverbial), nesse caso,

⁵ Os resultados apontam 21 ocorrências do *aí* em outras situações peculiares. Preferimos colocar tais dados em uma tabela separada (tabela 9), já que esses itens apresentaram um comportamento bastante diferenciado.

contou com o menor número de ocorrências (8%), em comparação à função mais recorrente, que é de natureza discursiva. Esse resultado confirma a nossa hipótese inicial de que a função de marcador discursivo seria a mais recorrente.

Esse resultado indica que o *aí* está adquirindo um novo *status* gramatical, perdendo parte de suas características iniciais, o que confirma nossa hipótese de que o *aí* está, de fato, se gramaticalizando. E, como faz parte do processo, em determinados usos há estágios de ambiguidade, podendo ser advérbio ou marcador, simultaneamente, como de fato constatamos nesse levantamento.

Veremos, agora, a influência dos fatores extralinguísticos “sexo” e “profissão” nos usos do item *aí*:

Tabela 2: O item *aí* em função do fator sexo

Funções	Feminino		Masculino	
	Oc.	%	Oc.	%
Dêitica	9/14	64,3	5/14	35,7
Anafórica	1/2	50	1/2	50
Marcador	82/150	54,7	68/150	45,3
Ambígua	2/8	25	6/8	75

Como a função mais recorrente foi a de marcador discursivo, daremos destaque, primeiro, a ela. Notamos, então, que as mulheres utilizaram mais o *aí* como marcador dos que os homens, 54,7% *versus* 45,3%, respectivamente. Sabemos que, em situações de variação linguística estável, as mulheres tendem a preferir o uso de formas mais prestigiadas e os homens, ao contrário, usam com maior frequência a forma não-padrão. No entanto, quando se trata de uma nova forma implementada na língua, ou seja, mudanças linguísticas ocasionadas pela gramaticalização, as mulheres utilizam mais as formas inovadoras, mesmo que essas não sejam formas prestigiadas. O resultado alcançado em nossa pesquisa é mais uma comprovação dessa preferência. E também confirma mais uma vez a nossa hipótese de que o *aí* marcador discursivo seria mais recorrente entre os entrevistados do sexo feminino.

É importante destacar que, apesar da pouca ocorrência na função anafórica, ocorreu um equilíbrio de uso, 50% para cada sexo. Já a função dêitica, que seria a prototípica, 64,3% foram na fala das mulheres, e 35,7% na dos homens, que, por sua vez, usaram mais a função ambígua, 75%, do que as mulheres, 25%.

A seguir, temos o resultado do *aí* em função da profissão dos entrevistados:

Tabela 3: O item *aí* em função do fator *profissão*

Funções	Artista		Não-Artista	
	Oc.	%	Oc.	%
Dêitica	7/14	50	7/14	50
Anafórica	1/2	50	1/2	50
Marcador	132/150	88	18/150	12
Ambígua	5/8	62,5	3/8	37,5

Assim como na tabela anterior, observamos que há diferenças acentuadas entre os entrevistados artistas (atores e músicos) e os não-artistas (médicos, empresários e políticos) com relação ao uso do *aí* na função de marcador discursivo: 88% *versus* 12%, respectivamente. As outras funções tiveram resultados equilibrados, com exceção da função ambígua, 62,5% de uso pelos artistas e 37,5, pelos não-artistas.

Justificamos esses resultados tendo em vista que o Programa “Marília Gabriela Entrevista” tem o foco no relato subjetivo, no qual os entrevistados expõem suas experiências pessoais e profissionais, e, por isso, o teor da conversa dos artistas é muito mais descontraída e informal, do que a dos médicos e políticos, o que proporciona, assim, um uso mais inovador das formas linguísticas, nesse caso, o uso do *aí* marcador discursivo. Com isso, a nossa hipótese é confirmada: o *aí* marcador discursivo é mais frequente entre os entrevistados artistas.

A fim de fazermos uma análise mais detalhada das funções mais peculiares do item *aí*, a dêitica (prototípica) e a de marcador discursivo (a mais gramaticalizada), destacamos alguns resultados com dados específicos. Começamos com o item *aí* na sua função dêitica:

Tabela 4: O item *aí* em sua função dêitica

	Dêitica	
	Oc.	%
Locativa	6/14	42,9
Temporal	8/14	57,1

Como vemos, o item *aí* em sua função dêitica teve um total de 14 ocorrências, sendo que 42,9% foram como locativa, e 57,1%, temporal. Essa é a função prototípica do advérbio, mas os usos já demonstram um caráter mais discursivo desse item. Ou seja, apesar de ainda serem advérbios, suas referências são exofóricas, extrapolam os limites do texto, sinalizando um grau de discursividade, típico da gramaticalização, que é o uso dêitico.

Abaixo, temos os resultados do *aí* dêitico e sua posição na oração:

Tabela 5: O *aí* dêitico e suas posições

	Dêitica			
	Locativa		Temporal	
	Oc.	%	Oc.	%
Inicial	---/6	---	4/8	50
Média	1/6	16,7	1/8	12,5
Final	5/6	83,3	3/8	37,5

Notamos que há certa mobilidade de posição do *aí* dêitico, comprovando sua origem adverbial, pois é uma característica típica dessa classe gramatical. Por esses resultados, percebemos que o *aí* dêitico ocorre em todas as posições na oração: inicial, média e final.

Vale ressaltar que quando a função é locativa, quando localiza um ponto no espaço em relação aos participantes do ato de comunicação, a posição do item *aí* na sentença é preferencialmente final, 83,3%. Já quando exprime circunstância de tempo, *aí* temporal, a posição de maior ocorrência é a inicial, 50% do total dos casos. Tais resultados confirmam a nossa hipótese de que o *aí* dêitico possui certa mobilidade de posição, sendo mais recorrente nas extremidades da sentença.

Agora, analisaremos o comportamento do item *aí* em outra função, a de marcador discursivo:

Tabela 6: O item *aí* em sua função de marcador

Marcador		
	Oc.	%
Sequenciador	89/150	59,3
Introdutor	45/150	30
Consecutivo	16/150	10,7

Os resultados dessa tabela apontam que, em sua função de marcador discursivo, o *aí* foi mais recorrente como sequenciador, representando 59,3% do total; já os outros itens tiveram uma porcentagem inferior: *aí* introdutor 30% e *aí* conclusivo 10,7%. Esses dados comprovam que o entrevistado, quando utiliza esse item no discurso, o usa preferencialmente como um elemento sequenciador dos fatos, no momento da narração. As duas outras funções são menos recorrentes porque acreditamos que o falante opte pelo uso de conjunções equivalentes, por exemplo.

É importante ressaltar que o *aí* como marcador discursivo, independentemente de sua classificação, é um elemento articulador, e, em razão disso, sua posição, na sentença, é categoricamente inicial, ou seja, ocorre sempre no início da sentença, um comportamento diferente daqueles casos em que ele atua como advérbio, que tem uma certa mobilidade na sentença.

Após a constatação de que a função de marcador foi a mais recorrente, e por ser a função que indica o estágio mais avançado do processo de gramaticalização, decidimos analisar alguns elementos do interior da estrutura em que ocorre o item, no intuito de verificar se eles interferem ou não nas três funções identificadas. Apresentamos, assim, o *aí* marcador em função dos termos antecedentes. Começamos pelo *aí* sequenciador:

Tabela 7: O *aí* sequenciador em função dos termos antecedentes na oração

Sequenciador		
	Oc.	%
Conjunção	34/89	38,2
Outros	---/89	---
Sem Antec.	55/89	61,8

Como se pode notar, 61,8% das ocorrências foram de *aí* introduzindo sozinho a sentença, ou seja, sem antecedente na oração que se encontra; já 38,2% foram de *aí* antecedido de conjunção, no caso, predominantemente o “e”. Acreditamos que essa conjunção tenha sido hegemônica por sua própria característica de elemento de ligação e seu caráter aditivo de novas informações, auxiliando na ênfase da sequenciação.

Observemos, agora, o comportamento do *aí* introdutor:

Tabela 8: O *aí* introdutor em função dos termos antecedentes na oração

Introdutor		
	Oc.	%
Conjunção	28/45	62,2
Outros	1/45	2,2
Sem Antec.	16/45	35,6

Diferentemente do *aí* sequenciador, o *aí* introdutor foi bastante influenciado pela presença da conjunção: 62,2% em oposição aos 35,6% que representam a inexistência de termos antecedentes. Isso demonstra que, quando introdutor, o *aí* necessita de uma conjunção para operar melhor a inserção de uma nova informação. Também foi a única função das três existentes (sequenciador, introdutor e conclusivo)

em que ocorre um caso do *aí* ser antecedido por uma outra classe gramatical (categoria outros)⁶.

Por fim, analisemos o comportamento do *aí* conclusivo:

Tabela 9: O *aí* consecutivo em função dos termos antecedentes na oração

Consecutivo		
	Oc.	%
Conjunção	10/16	62,5%
Outros	---/16	---
Sem Antec.	6/16	37,5%

Como vemos, o comportamento dessa função teve resultado semelhante ao da segunda função analisada: o *aí* consecutivo ocorre com a presença da conjunção em 62,5% do total dos casos, em oposição aos 37,5% das ocorrências em que o *aí* aparece sem antecedentes na oração. Esse resultado nos permite inferir que, quando o falante quer estabelecer uma relação de consequência com a sentença anterior, ele normalmente prefere usar uma conjunção antes do *aí*. Esse uso parece promover mais facilmente a interligação entre essas ações sucessivas.

Para finalizar, apresentamos os casos do *aí* nas chamadas outras situações:

⁶ Somente um caso foi encontrado do *aí* marcador discursivo antecedido por um termo da categoria "outros": "Porque chegou uma quantidade de porcaria, você não faz ideia, que *aí* eu falei assim: 'não vai dar, eu não vou conseguir'"

Tabela 10: O *aí* em outras situações

Aí em outras situações		
	Oc.	%
Daí	15/21	71,4
Peraí	4/21	19
Taí	1/21	4,8
Nem aí	1/21	4,8

Como se pode perceber, ocorreram 21 casos em que o *aí* apareceu acompanhado de outros termos, formando uma espécie de conjunto homogêneo. Dessas estruturas pré-fabricadas, a mais recorrente foi o “daí”, com 71,4% do total dos casos, seguido do “peraí”, 19%, do “taí” e do “nem aí” com apenas 1% cada. Tais ocorrências comprovam ainda mais a multifuncionalidade do item *aí*, que, agregado a outros termos, produz sentidos diferentes. Vale ressaltar que “peraí” e “taí” são exemplos de redução fonológica a partir da construção com os verbos “esperar” e “estar”.

4.6 Aplicando fundamentos da gramaticalização aos resultados

A partir da análise dos resultados da pesquisa, podemos confirmar que o item *aí* se encontra em processo de gramaticalização. Para explicar as etapas dessa mudança, usaremos os princípios de Hooper (1991).

O primeiro princípio aplicado é o da *Estratificação*. Tal princípio indica que formas competem num mesmo domínio funcional. No caso do item *aí*, embora tenhamos encontrado formas como “daí”, “peraí”, “taí” e “nem aí”, competindo com o *aí*, o que mais chama a atenção é a nova função que ele assume, a de marcador discursivo, que compete, por exemplo, com a função prototípica, a função adverbial. Na visão de Hopper (1991), em um domínio funcional complexo, a chamada camada, podem surgir novas camadas e as antigas não desaparecem necessariamente, passando a coexistir e relacionar com as novas. É, de fato, o que está ocorrendo com o *aí* adverbial, função antiga coexistindo com funções novas. Outra evidência que

confirma a estratificação é a ocorrência da função ambígua, demonstrando estágios em que a função desempenhada é indefinida.

O outro princípio que podemos aplicar é o da *Divergência*: a função original, coexistindo com a função gramaticalizada, mantém suas propriedades originais, preservando-se como um item autônomo. No caso do *aí*, em sua função dêitica espacial, suas características prototípicas são mantidas, por exemplo, a mobilidade que é característica do advérbio espacial. Ao assumir a função temporal, ele continua com as mesmas propriedades, divergindo, no entanto, da nova função, pois quando usado com valor de introdutor e consecutivo, por exemplo, há uma mudança significativa, deixa de ser advérbio e passa a ser um item que serve para marcar a orientação argumentativa de um enunciado.

Quanto ao princípio da *Especialização*, ele pode ser usado para explicar, por um lado, a diminuição de possibilidades de escolha de uma determinada noção gramatical, e, por outro, o aumento da frequência do uso da forma mais adiantada no processo de gramaticalização. Observamos que o *aí* marcador discursivo, forma mais gramaticalizada, de natureza mais discursiva, representou 86,2% dos dados, demonstrando uma recorrência bastante representativa.

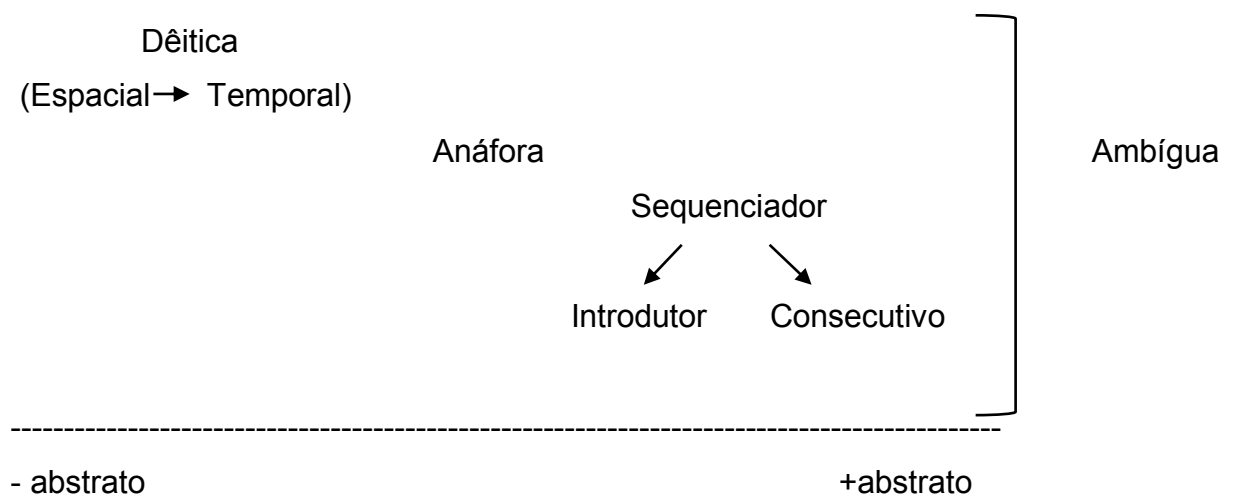
A *Persistência* é outro princípio que também usamos para explicar o comportamento multifuncional do *aí*. Ele está ligado ao fato de que, com o processo de gramaticalização, alguns traços do sentido original tendem a permanecer nos novos sentidos. Assim, quando o *aí* passa de dêitico temporal (sentido original) para *aí* sequencial (novo sentido), o traço de temporalidade, ainda que tênue, permanece. Sabemos que a nova função (a de *aí* sequencial) pode equivaler, como já foi dito, à expressão “nesse momento” (tempo), indicando que o evento seguinte ocorre no momento em que o anterior se conclui.

A *Decategorização*, o último princípio que recorremos, explica as conseqüentes perdas do item que se gramaticaliza. No caso do *aí*, percebemos que, com a mudança de função, ele deixa, por exemplo, de ser móvel, uma propriedade de quando ele exerce a função adverbial. Como vimos na tabela 5, enquanto advérbio, ele pode ser licenciado em diferentes posições na sentença: início, meio e fim. Já na função de marcador discursivo (sequencial, introdutor e consecutivo), não há mais essa possibilidade, pois ele ocorre categoricamente na posição inicial, conforme mostramos na tabela 6.

Com esses princípios, explicamos, então, o que está ocorrendo com o item *aí*.

Também ressaltamos que os nossos dados convergem com os resultados de trabalhos que usamos como referências em nossa pesquisa. Foram eles: Martelotta (1993), Santos (2008), Pereira (2009), Souza (2011), Pereira e Oliveira (2011) e Silva (2013), que também já haviam comprovado a multifuncionalidade do item *aí*. É fato que, a depender da abordagem teórica de cada estudo, nomenclaturas se diferem e alguns postulados são acrescentados ou ausentados. Entretanto, o entendimento de que as regras de funcionamento do *aí* são determinadas pelos usos, dadas as necessidades comunicativas dos falantes, está presente em todos os trabalhos. Outro pressuposto que reafirmamos, com nossos resultados, é o fato de que a gramática de uma língua deve ser vista como um sistema de regularidades resultantes das pressões dos usos, e que, em função dessa natureza, nunca se estabiliza, está em constante renovação.

Para encerrar a análise, traçaremos, a seguir, uma trajetória do item *aí* em processo de gramaticalização, a partir das funções encontradas na nossa pesquisa:



Sabemos que a função dêitica espacial e, posteriormente, a temporal, são as funções originais do *aí*, aquelas previstas nas gramáticas normativas. Trata-se do ponto de partida do *continuum*, como defendem Hopper e Traugott (2003), o ponto onde o elemento, de natureza lexical, ostenta propriedades menos abstratas.

Com o processo de gramaticalização, tal item passa a desempenhar uma função mais textual, a anafórica, aquela cujo referente está dentro do próprio texto. Num estágio mais avançado do processo, o *aí* passa, então, a desempenhar a função de marcador discursivo: primeiramente, sequenciador, indicando a ordem sequencial pela qual as informações são apresentadas, preservando ainda traços temporais.

Essa função de sequenciador gera mais duas outras funções, com características de encadeamentos sequenciais, mas com algumas peculiaridades, a de introdutor, inserindo sentenças que expressam novas informações, e a de consecutivo, funcionando como articulador de sentenças que expressam consequência em relação ao que foi dito anteriormente. Nessas novas funções, o item passa a ter propriedades mais abstratas, assumindo, assim, um caráter gramatical.

Esse trajeto por qual passa o *aí* nos permite confirmar que ele está sim em processo de gramaticalização na língua portuguesa. A frequência da nova função, marcador discursivo, atestada em nossos resultados, também, sinaliza que, ao longo do tempo, ela poderá se tornar a função mais regular, previsível, portanto, a função motivadora da mudança da natureza linguística do item *aí*. Uma mudança que, como defenderemos na seção de encerramento deste capítulo, precisa ser considerada como ponto de pauta no ensino de língua portuguesa.

4.7 Encerrando o capítulo

Dado o que foi exposto ao longo deste trabalho, e, em particular, o que foi apresentado neste capítulo de análise, defendemos que a teoria da gramaticalização pode ser utilizada como arcabouço orientador de uma nova perspectiva de ensino, no intuito de ultrapassarmos os limites categóricos documentados pelas gramáticas de natureza prescritiva. Sabemos que, na maior parte das escolas brasileiras, os professores limitam-se a ensinar língua por meio dos pressupostos apresentados pela gramática normativa, sem considerar, muitas vezes, a ampla variedade linguística presente em nosso cotidiano. Assim, Furtado da Cunha e Silva (2010) refletem que as pesquisas em gramaticalização oferecem aos professores

[...] um panorama das principais descobertas e conclusões sobre o funcionamento da língua portuguesa em situações comunicativas diversas, como alternativa para uma abordagem que supere a mera reprodução das noções tradicionais provenientes de gramáticas normativas e manuais didáticos. Interessa-nos, desse modo, contribuir para a formação do professor de língua materna, no sentido de propiciar-lhes um conhecimento mais amplo e reflexivo sobre os fatos linguísticos. Para isso, propomos a adoção de uma postura didático-pedagógica que tome por base as práticas linguísticas do cotidiano social, considerando suas variações e diversidade de usos. Nesse contexto, a perspectiva funcional à natureza mutante e adaptativa da gramática pode ser uma ferramenta eficaz para subsidiar a prática de ensino de português (p. 167-168).

Como sabemos, a gramática modela o discurso e, por outro lado também, o discurso modela a gramática. As descobertas feitas pelas pesquisas que focam a gramaticalização podem ser úteis na busca de alternativas para o ensino de língua portuguesa, particularmente no que diz respeito às propriedades de natureza sintático-semânticas e pragmáticas. É fato que, o aluno, nesse contexto, encontra um embate entre a língua que lhe é ensinada e a língua que ele “vivencia” a todo momento.

Entendemos que, ao ensinar língua, o professor deve conscientizar o aluno a respeito dos movimentos linguísticos, de que as estruturas produzidas pelos falantes não são caóticas, desordenadas, muito menos “erradas”. A teoria da gramaticalização nos possibilita compreender e explicar esses movimentos, a dinâmica social dos usos da língua.

Quando se fala em gramaticalização, é natural que se pense que o sufixo *lização* assuma ali um caráter imperativo do estar-em-contínuo-movimento. Esse movimento ronda as pessoas e ronda as estruturas linguísticas também. O movimento entre as pessoas pode ser fotografado numa simples observação das faixas etárias que convivem em determinado momento ou situação (são costumes, objetos e coisas, nomes e formas de falar distintos e típicos de gerações sucessivas – camadas de língua viva); o mesmo se dá com as gramáticas da língua portuguesa (são camadas gramaticais que não se compreendem totalmente, porque não interagem totalmente) (GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 163).

Conhecendo a teoria, temos condições de promover um trabalho mais prático, reflexivo, no intuito de derrubar, por exemplo, preconceitos que surgem em função de desconhecimentos a respeito do que sejam língua, gramática e falante. “A escola - incluindo aí também a faculdade e a universidade – do século XXI precisa refundar sua vocação para o ensino com base no pensamento crítico” (GONÇALVES *et al.*, 2007, p.159), pois há, ainda, uma grande lacuna entre a escola e os estudiosos da língua portuguesa.

Conforme esses autores, o livro didático, fornecido pelo MEC, é um dos recursos mais utilizados para a prática de ensino de língua portuguesa. Segundo o MEC, “os conhecimentos linguísticos são sistematizados em capítulos nos quais a referência teórica é ora a gramática tradicional, ora a linguística do texto e do discurso” (C357c, 59). Já os Parâmetros Curriculares Nacionais afirmam que “a comunicação deve ser entendida como um processo de construção de significados em que o sujeito interage socialmente” (PCN, 2002, 136). Há, portanto, para os autores, um

desequilíbrio entre ambas as abordagens teóricas, que reflete na situação do ensino de língua portuguesa no Brasil, na qual há uma busca para reconhecer o papel da gramática normativa a serviço das diversas práticas discursivas que o usuário é solicitado. Eles ainda sinalizam que

[...] a concepção de língua envolvida é a de atividade social, que não existe por si mesma, mas em virtude do uso para fim de interação entre os seres humanos. Assim, as estruturas linguísticas expressão funções, e cada função é um diferente modo de significação. Logo, a organização interna das línguas é funcional, a organização sistêmica é função das necessidades comunicativas, e a língua (e a gramática, a sintaxe) não pode ser ensinada como um sistema autônomo, não dinâmico, como se tem observado ao longo da história do ensino de língua portuguesa no Brasil, que vem privilegiando a tradição gramatical normativa, uma visão estática da língua (p. 179-180).

Compreendemos, portanto, que o ensino de língua portuguesa deve ser dinâmico, atrelado às constantes mudanças e evoluções das estruturas linguísticas, e, sem dúvida, a teoria da gramaticalização se constitui como importante ferramenta a ser utilizada no aprimoramento dessa prática.

Em se tratando do item *aí*, nosso objeto de estudo, entendemos que já é hora de a escola reconhecer e explicar as funções diversas que ele assume nas atividades comunicativas. Não se pode falar apenas em função adverbial, aliás, é a função de marcador discursivo a mais recorrente, portanto, é regular dentro do sistema da língua portuguesa.

5 CONCLUSÕES

Nesta pesquisa realizamos uma análise da multifuncionalidade do item *aí* no gênero entrevista, com o intuito verificar se seus usos apontam para um caso de gramaticalização, um tipo especial de mudança instaurada por força do uso, e que é responsável pela constante renovação do sistema linguístico.

Os resultados do estudo nos permitem afirmar que o item *aí* é usado com funções sintático-semânticas variáveis, e que a função de marcador discursivo é a mais recorrente, indicando, assim, que ele está em processo de gramaticalização. Percebemos que o *aí* está percorrendo, de fato, a trajetória ESPAÇO > (TEMPO) > TEXTO, apontada por Heine *et al.* (1991), sofrendo uma evolução categorial ao alterar seu nível de concretização para abstração. O item *aí*, que prototipicamente é dêitico espacial e exerce, posteriormente, a função de dêitico temporal, passa a desempenhar funções mais discursivas, como é a de marcador discursivo, que guia o discurso de acordo com a intenção comunicativa do falante.

Observamos que, na função de marcador discursivo, o *aí* foi mais recorrente como sequenciador, seguido do *aí* introdutor e depois do *aí* conclusivo, comprovando que, quando o entrevistado o utiliza, ele o faz preferencialmente como um elemento sequenciador dos fatos. Também vimos que o *aí* pode ou não ser influenciado por elementos que fazem parte da estrutura oracional. O *aí* sequenciador ocorreu preferencialmente introduzindo sozinho a sentença, já o *aí* introdutor e o *aí* consecutivo ocorrem com a presença da conjunção “e”. Isso demonstra que, nesses casos, o *aí* necessita de uma conjunção para operar melhor a inserção de uma nova informação e estabelecer uma relação de consequência com a sentença anterior.

Percebemos que, quando ele é adverbial, seu comportamento sintático é bastante peculiar: apresenta mobilidade na sentença. Já o *aí* como marcador discursivo, independentemente de sua classificação, é um elemento articulador, e sua posição, na sentença, foi categoricamente inicial. Portanto, é um uso que pode ser influenciado, também, por elementos de natureza formal.

Quanto aos fatores extralinguísticos, notamos que eles também influenciaram os usos do *aí*. O marcador discursivo, estágio mais gramaticalizado do item, foi mais recorrente entre os entrevistados do sexo feminino e entre os artistas, indicando que,

quanto mais uma nova forma for usada por esses grupos sociais, maior a possibilidade da ocorrência do processo de gramaticalização.

Constatamos também a ocorrência de alguns casos em que o *aí* apareceu acompanhado de outros termos, formando uma espécie de conjunto homogêneo e produzindo sentidos diferentes dos já encontrados, comprovando ainda mais a multifuncionalidade do item *aí*.

Portanto, esses resultados revelam fatos interessantes que poderão contribuir para a renovação das descrições tradicionais e, conseqüentemente, com a prática didática. Nosso papel, enquanto estudioso da língua, é fornecer subsídios teóricos e práticos que possam auxiliar nesse processo. No caso de nossa pesquisa, entendemos que, ao explicar os novos usos do item *aí*, estamos apontando a necessidade da inclusão das novas funções no ensino do mesmo. Tratá-lo apenas como advérbio é limitar demais a função que ele pode assumir.

REFERÊNCIAS

- ARFUCH, L. **La entrevista, una invención dialógica**. Buenos Aires: Paidós, 1995.
- BARBOSA, M. G. **Gramaticalização de advérbios a partir de adjetivos: um estudo sobre os adjetivos adverbializados**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
- BARROS, E. M. **Gramática da Língua Portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1991.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.
- BOMFIM, E. **Advérbios**. São Paulo: Ática, 1988.
- CÂMARA JÚNIOR, J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.
- CASTILHO, A. T. A gramaticalização. In: **Revista de estudos linguísticos e literários**. Salvador: UFBA, 1997, p. 25-64.
- CASTILHO, A. T. Proposta funcionalista de mudança linguística: os processos de lexicalização, semantização, discursivização na construção de línguas. In: LOBO, Tânia (Org). **Para a História do Português Brasileiro**, vol. VI. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2003.
- CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CASTILHO, A. T. Funcionalismo e gramáticas do português brasileiro. In: SOUZA, EDSON et. al. **Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 17-42.
- CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- CEZARIO, M. M. Efeitos da criatividade e da frequência de uso no discurso e na gramática. In: CEZARIO, Maria Maura; TAVARES, Maria. Alice; BRAGA, Maria. Luiza *et al.* (Orgs.) **Funcionalismo linguístico: análise e descrição**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 19-32.
- CONFESSOR, F. W. **Por um paradigma emergente no domínio funcional da especificação nominal**. Natal: UFRN, 2008.
- COSTA, A.; COSTA, J. **O que é um advérbio?** Lisboa: Edições Colibri, 2001.
- COUTINHO, I. L. **Pontos de gramática histórica**. 5 ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

ERMAN, B.; WARREN, B. The idiom principle and the open choice principle. In.: KLEIN, W. (Org.). **Linguistic: an interdisciplinary journal of the language sciences**. Berlim: Mouton de Gruyter, 2000, p. 29-62

FRAGOSO, L. C. A gramática funcional e o processo de gramaticalização. In.: **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**. Vol. II. Rio de Janeiro, 2003, p. 01-07.

FREITAG, R. Marcadores discursivos não são vícios de linguagem. In.: **Interdisciplinar**. v.4. n. 4. Sergipe: UFSE, 2007, p. 22-43.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; ROMERITO SILVA, J. Gramaticalização aplicada ao ensino de português. In: LIMA-HERNANDES, M.C. (org.). **Gramaticalização em perspectiva: cognição, textualidade e ensino**. São Paulo: Paulistana, 2010, p. 157-172.

GONÇALVES, Sebastião *et al.* Tratado geral sobre gramaticalização. In: GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (Orgs.). **Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola, 2007, p. 15-66.

GONÇALVES, S.; CARVALHO, C. Critérios de gramaticalização. In: GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (Orgs.). **Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola, 2007, p. 67-90.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HEINE, B.; KUTEVA, T. **The Genesis of Grammar: A Reconstruction**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

HOFFNAGEL, J. C. Entrevista: uma conversa controlada. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003, p. 180-193.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT; HEINE. **Approaches to grammaticalization**. Vol. 1: focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1991.

HOPPER, P. J; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

ILARI, R. (Org.). **Gramática do Português Falado: Vol. II: Níveis de Análise Linguística**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

ILARI, R. A categoria Advérbio na Gramática do português falado. In: **Revista Alfa**. São Paulo, 51 (1), 2007, p. 151-174. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1430/1131>>. Acesso em: 15 maio, 2014.

KANTHACK, G. S. Advérbios modalizadores em *–mente*: uma descrição de propriedades sintático-semânticas. In: **Recorte Revista Eletrônica**. Ano 9, nº1. Três Corações: UNINCOR, 2012, p. 1-13.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

MARTELOTTA, M. E. **Os circunstanciadores temporais e sua ordenação**: uma visão funcional. 250p. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Catálogo do programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio: PNLEM, 2005: Língua Portuguesa**. Coord: Egon de Oliveira Rangel. Brasília: MEC / SEMTEC, 2004.

NEVES, M. H. M. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NEVES, M. H. M. **Gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Ensino Médio/Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Brasília: MEC/SEMTEC, 2002.

PENHAVEL, E. Sobre as funções dos Marcadores Discursivos. In.: **Estudos Linguísticos XXXIV**. São Paulo: Unesp, 2005. p. 1296-1301.

PEREIRA, M. C. Breve abordagem semântica e pragmática de aqui, aí e ali. In: **ELingUp**. Portugal: Universidade do Porto, 2009.

PEREIRA, E. S.; OLIVEIRA, J. M. Gramaticalização do item aí: uma abordagem multifuncional. In: **Anais do XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia**. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2011, p. 1833-1844.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2002.

POGGIO, R. **Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português**: uma abordagem funcionalista. Salvador: EDUFBA, 2002.

RAVIZZA, J. P. **Gramática latina**. 7 ed. Niterói: Escolas Profissionais Salesianas, s.d.

- RIBEIRO, V.J. C. **Os usos dos advérbios em –mente**: uma abordagem enunciativa. UFPI: Teresina, 2008.
- SAKSIDA, M. J. A. **Lições acerca do advérbio**: uma viagem diacrônica por gramáticas do português. PUC Minas: Belo Horizonte, 2005.
- SANTOS, Z. G. **A gramaticalização dos vocábulos então e aí**. 124p. Dissertação de Mestrado. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2008.
- SANTOS, M. F. A gramaticalização de Então. In: **CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS**. Maringá: UEM, 2007, p. 1731-1739.
- SILVA, H. H. B. Os processos de gramaticalização e discursivização do aí usado por falantes de distintos graus de instrução. In: **Anais do SILEL**. v. 3. n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2013, p. 1 – 14.
- SOUZA, E. R. Gramaticalização de aí no português falado do interior paulista. In: **Estudos Linguísticos**. São Paulo: 2011, p. 92-107
- VITRAL, L.; RAMOS, J. **Gramaticalização**: uma abordagem formal. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo Horizonte, MG: Faculdade de Letras FALE/UFMG, 2006.
- VITRAL, L. T.; COELHO, S. M. O estatuto gramatical dos verbos relacionais. In.: VITRAL, L. T.; COELHO, S. M (Orgs.). **Estudos de processos de gramaticalização em português**: metodologias e aplicações. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010, p. 75-104.

APÊNDICES

Entrevistado 1

Não tinha internet, nada dessas coisas. Então foi realmente importante ir visitar e aí a gente fez isso. Minha mulher topou, meus filhos foram juntos e nós ficamos um ano em Nova Iorque.

Porque a célula inteligente como foi feita pra viver, ela vai se compensando, então aí é que vai chegar agora a proposta é fazer coquetéis de monoclonais.

Então o tipo de tumor é diferente né, incha a perna e aí, por exemplo, fica achando que é um trauma do jogo de bola.

“Olha não diminuiu o gânglio, o senhor pode ver de novo?” A barriginha continua crescendo, a perninha continua inchada e aí o papel da mãe é importante de ir atrás e de ver.

O prognóstico é muito melhor nos chamados estágios 1 ou 2, que são os iniciais ainda. Daí a importância de ser fazer um diagnóstico precoce. Muitos casos a gente tem o comportamento biológico agressivo desde o começo.

Entrevistado 2

Marília Gabriela: E justifica esse programa que importou os médicos para o Brasil?

Olha, hoje eu acho que a gente tem que torcer por eles... eles estão aí né, eles vão atender a população brasileira.

Entrevistado 3

Eu consegui uma profissão que eu faço as duas coisas muito... mas, e aí estudei em escolas públicas e naquelas época as escolas públicas eram ótimas, melhores que as privadas.

Marília Gabriela: Mas por que escolher esse ramo da medicina?

Mas aí foram coincidências. Eu quis entrar no ramo da medicina e quis entrar na melhor, tanto que eu só fiz vestibular para a USP.

Eu recebi agora um título e eu disse que foi a melhor coisa que já recebi na vida, porque foi um reconhecimento da faculdade ao tanto que eu me dediquei à faculdade. Mas aí porque que eu fui para esse ramo? É que na faculdade você estuda tudo, depois veio o internato.

Realmente foi... No internato todos passam, que é o 6º ano da faculdade. Aí a gente faz o concurso, a gente opta por dermatologia ou clínica ou cirurgia.

Entrevistado 4

E eu comecei a escrever uma paródia dos “Normais” porque eu adorava “Os Normais” e como não tinha ninguém pra fazer comigo, eu fazia os dois, eu fazia o Rui, fazia a Vani. E aí eu pedi pra ir lá na frente. E aí eu lembro naquele momento assim, eu lá na frente fazendo. O Jô deixou eu ir lá na frente. Eu acho que é achar o fim do túnel. É tipo: “ahhh... é isso ali...”. E aí eu saí do Jô, aí fui pra casa comecei a pesquisar escola de teatro no Rio.

Eu me lembro que meu pai falou uma coisa: “olha eu não sei se isso é bom ou ruim. Eu sei que isso é igual ao que tá na TV. Então você precisa ir fazendo isso, deve dar certo isso aí.”

Em um ano atrás, de repente surgiu o “Porta dos Fundos”. Aí eu entrei pra “Grande Família” e aí eu estreei no cinema o primeiro longa. Aí veio meu “Passado me condena”, tudo no segundo semestre do ano passado. E de repente o “Porta dos Fundos” veio vuhhhh e aí foi.... Eu pensei: se eu não tô entendendo o que tá acontecendo quem dirá que tá à minha volta.

O meu chefe lá, o redator chefe, era o Claudio Torres Gonzaga, que tinha o grupo chamado “Comédia em pé”, que ia voltar, isso em 2006, 2007. E aí ele falou: “Pô Fabio, você conta umas histórias engraçadas, você é um cara divertido, por que você não tenta fazer stand up?”.

Eu falei “ah que bom, eu não sabia o que fazer com isso!”. Eu tinha escrito um texto desse tamanho e não sabia o que fazer. Aí eu comecei a fazer em 2007 e não parei mais!

Eu fiquei no “Comédia em pé” até 2011, fazendo stand up. Aí viajando o Brasil, fazendo festival e conhecendo gente. E aí é legal também, porque você vai ganhando uma cancha de palco.

Como também não era... Talvez no “Zorra Total” não fosse a minha galera, como eu entrei por ali... E aí eu fui me achando, encontrei o Bruno Mazzeo, um parceiro assim da vida.

Então assim, a gente vai encontrando algumas pessoas assim né... E aí vai formando uma galera. Então agora no “Vai que dá certo” é a minha galera.

Então vamos fazer a gente, do nosso jeito, até onde a gente consegue...

MG- Mas aí....

É ... aí virou “Porta dos Fundos”, entrou pisando na porta...

Eu entrei com 21, acho que 22 no “Zorra”. Então eu era muito jovenzinho. Então eu acho que eu também tava muito despidorado assim. Então “vambora, vamos fazer o melhor” e o que eu fui percebendo é que daí eu posso pegar uma ideia boa dela, dar uma outra ideia em cima.

Eu ir numa balada e pegar alguém à noite. Eu não consigo... “Qual é seu nome?”. “Marília”. “E o que vc faz?” “Sou apresentador de tv”. Eu não sei passar daí, entendeu? Agora se já tá se conhecendo, tá num lugar e eu faço você rir, não sei o quê... quando eu vi, foi!

Eu saquei que eu era um bom falador, assim entendeu? Um bom contador de histórias e isso foi minando a minha vida, porque daí nos trabalhos de escola, faculdade, eu que apresentava, eu que falava com todo mundo.

Então em julho eu vou fazer um outro filme, com essa galera, que eu escrevi, que eu tô produzindo também entendeu? Porque daí eu começo a tomar as rédeas da minha situação. Essa carreira de ator é tão difícil e as coisas estão acontecendo tão de verdade, e eu vou fazendo tanta coisa que eu falei: “peraí, eu acho que se eu conseguir controlar isso aqui eu posso ficar menos dependente de esperar alguém me ligar pra fazer um filme”.

Eu acho tão louco isso, porque daí você fala: “então tá bom eu acredito num pônei azul”.

Eu saí agora na terceira temporada, porque daí eu já estava fazendo um milhão de coisas e eu não conseguia tá três vezes na semana gravando o Esquentão.

Entrevistado 5

E quando o orçamento apertava, dava um outro jeito assim na sala de jantar. E alugava um quarto ainda para dois rapazes de Campinas e... E aí, num determinado momento, meio desiludido com essa coisa de dirigir fábrica e entalhar, e entalhes muito bonitos que eram aplicados nos móveis e tudo.... Papai falou: “Vamos pra feira que um conhecido meu foi e tal... vamos vender macarrão na feira”. E aí montamos um barraca, orientados e tudo. Tinha um motorista para aquele caminhãozinho fechado e na madrugada, três e meia da manhã, a gente tava saindo.

Marília Gabriela: Você tava com que idade?

Tava mais ou menos aí com quatorze, quinze anos...

Marília Gabriela: Milton Ribeiro é que fazia o cangaceiro, que é aquela imagem mais clássica, aquele olhar feroz que ele tinha.

E aí eu dava uma xeretada na Vera Cruz ali, em São Bernardo, eu ficava vendo ali na Av. Ipiranga.

Um dia eu vi passando o Anselmo Duarte. Dei a volta e fui atrás. Aí ele entrou num lugar lá que se comia... comiam de pé, um tipo de salsicha.

Marília Gabriela: Mas isso já foi no tempo da EAD...

Mas aí o que acontece Gabi, foi que vendo que essas excursões não funcionavam, eu fiz o seguinte: casualmente, andando pela cidade, vi um teatro da prefeitura e vi lá: "Exames públicos da Escola de Arte Dramática, EAD. Entrada Franca". Mais uma razão para entrar né... (risos)... E aí eu entrei e fiquei fascinado de ver cenas de peças sendo encenadas.

Ele levava pra fazenda uma vez a cada ano, levava os alunos para terem um fresco assim... E aí eu entrei, gostei, fui me informar, tinha que fazer exames né! Aí tinha que fazer assim: "você procura uma peça de teatro". E eu falei: "que que é isso, uma peça de teatro?". "Não, você vai na livraria Teixeira que lá tem uns caderninhos assim, você escolhe e tal". Aí fui lá, tinha uns gavetões, era imenso aquilo. Aí peguei um assim, acho que era uma tendência à dramaticidade. Aí peguei um livro chamado assim "A Honra Ultrajada". Aí copiei uma cena na máquina Hamilton, uma cena... tal tal... E aí no dia dos exames eu fui com aquilo.

Eu sabia coisas de filme que eu tinha visto, nas matinês, junto com o Pinduca. E aí eu entrei lá e fiz assim: me concentrei um pouco, aí voltei. Tinha um sofá velho assim no palco da escola, eu deitei lá. A gente não tinha um limite de tempo de duração. "Ah, passamos do ponto!". Não, é sucesso! Vai, vai, vai... anuncia a próxima luta.

Marília Gabriela: E aí vocês acordavam e diziam "vou pro trabalho", é isso?

"Vou pro trabalho", era... era ótimo! Aí o Raimundo Magalhães, ele que era o autor e o Valdemar Oliveira que dirigia. Aí eles, a cada 150, eles mudavam a heroína... (risos).

Ela ficava num penhasco, a Irina, e eu fazia um violinista que passava num navio tocando. E via aquela moça linda. Aí um dia, eu peguei um botizinho, ia pra ilha e ela tinha inimigos ali. E aí me jogaram no penhasco um dia e eu tinha que voltar desfigurado.

E tinha um maquiador Pezzani, que tinha que fazer uma maquiagem depois dele. E aí ele: "não pode deixar que eu sei fazer....", aí dobrava as peles.

Quando cheguei no Brás, a mamãe disse: "filho, filho acenda a luz". Aí acendeu a luz e eu tinha enxugado.

O estúdio era tão grande que gravava, não precisava editar, que gravava por cena mesmo no rolo. E daí foi que a Excelsior foi caindo. Aí o Bonner mandou me chamar.

M- Aí vc se mudou p o Rio?

Aí mudei para o Rio em 70.

Até que um dia o Oswaldo Loureiro saiu, o Mário Lago precisou sair também. E aí eu fiz "O Beijo no Asfalto" que foi Nelson Rodrigues.

Mas não tinha turbante. Aí ele pegou a calça de um figurante de veludo, aí pegou a calça e inventou um turbante.

A novela não ia bem, aí eles chamaram a Regina, botaram um outdoor.

Eu tinha feito várias coisas, até papéis menores em outras novelas e tudo. E aí conversei com Shetman e a Glória.

Tive alguns namoros rápidos. E aí eu voltei a ir pra balada um pouco e eu adorava.

Tem alguns deboches de coisas que eu vejo na vida, na televisão, no teatro. E aí eu acho engraçado, principalmente se eu tô de fora.

Nós nos conhecemos através de uns amigos assim, um jantarzinho uma coisa assim. E aí começamos a namorar, sair. Aí foi ficando, aí começou a morar comigo.

É um alvo, careca. Aí eu vi algumas coisas assim depois da peça.

Vão ficar em São Paulo até final de agosto, iniciozinho de setembro, e aí outubro e novembro, no Maison do Rio.

Entrevistado 6

Minha mãe me ensinou a não perder o chão. Se você começar a pensar muito: ahhh! E aí foi isso e aí deu certo.

Eu fui pra BH com 15. Aí acabei virando modelo por lá, por coincidência.

Só não fiz a faculdade. Sou formada em artes cênicas, mas não fiz, enfim, não deu tempo. E aí beleza, fui pra lá. Aí me viram no shopping com a minha mãe, a gente tava fazendo compras. E aí um cara falou assim: “ela tem que ser modelo”. Aí ele falou pra minha mãe que eu era muito bonita, modelo fotográfica. Aí minha mãe não queria, eu muito novinha, ela com medo dessas coisas.

Só local naquela época. Depois eu fiz um catálogo italiano. Aí eu fui trabalhar no Rio também porque eu tinha que pagar as minhas coisas.

Eu terminei o 3º ano com 17. Aí fui pra o Rio de Janeiro, meu pai não apoiou. E aí eu falei: “então, já que ele não tá me ajudando, eu vou trabalhar como modelo fotográfica”.

Há 8 anos atrás tinha teste pra entrar no tablado. Marília você não tem noção! Aí eu fiquei super ansiosa sabe. Aí eu fiz o teste e no dia seguinte tinha uma folha de quem passou. Aí você fica olhando. Aí eu cheguei lá, meu nome tava lá. Eu: “mãeeee!” Aí comecei a fazer tablado, me apaixonei.

No meio da peça que a gente tava ensaiando, eu comecei a fazer Sinhá Moça, aí eu já saí. Porque como eu tinha esse bico de modelo pra ganhar uma graninha... (risos). Aí eu fui e fui indo, fui indo...

Mas ele é muito mais forte quando você é jovem e quando você entende que tem esse direito, aí você cria mais coragem.

Eu fui pra Belo Horizonte, “agora eu sou da capital”, mineira, do interior. E aí eu fui num supermercado com a minha mãe...

Eu adoro ver esses esportes radicais, como é que tem coragem? Mas enfim... E aí é... esses momentos são poucos e raros.

Eu falei: “Caraca, eu vou ter que cantar! E agora? eu não consigo! Não vou conseguir!” Aí sentei no chão do estúdio e oh....

Eu tenho essa filosofia de trabalho, total. E aí o mais engraçado é que todo mundo... eu falei: não põe alguém pra me dublar.

Todo mundo confiando e eu desconfiando, isso que era engraçado. E aí quando eu cheguei em Salvador, eu olhei o trio (...).

Marília Gabriela: Aí você vai viver aquilo...

Aí quando pegar você, quando chegar aquele momento, aí você já tá dentro da água.

Entrevistado 7

Eu olhava pra ela e dizia assim: “puxa vida, um dia vou querer fazer alguma coisa como ela”. E aí a gente vai crescendo, vai tendo que estudar, fazendo a vida da gente e eu comecei a ter um pouco de depressão.

“Não, vai trabalhar sim. Vai fazer bem pra você e tal”. Aí eu fui para o hospital do câncer com ele. Fazer esse trabalho, a gente precisa fazer com muita responsabilidade e com muita alegria também. E foi aí que eu comecei a pensar de uma forma que as crianças viessem para São Paulo se tratar do câncer (...).

Até pra você prestar contas, pra você receber dinheiro dos outros, ele tinha que ser transparente e organizado. Então aí nós fizemos a primeira casa, fundamos a associação Pró-Hope.

E esse paciente... aí começou a vir um, a vir outro, e aí eu comecei a... muitos deputados, vereadores começaram a aparecer nessa época.

Era uma perua-combe que tava batida no pátio do Detran. Aí ele falou: “dá pra quebrar o galho?” Eu falei: “é...dá né” ! Aí nós começamos com essa perua, os amigos deram outro carro.

Deixar uma vida pra trás e vim pra cá tratar dessa criança. Então aí começa esse grande stress dessa mãe e é aí que entra a Casa Hope, com essa ajuda toda.

E acabamos levando essa criança e fazendo esse traslado dessa criança. Aí ela volta. Se ela não tem condições de vir, existe uma ajuda que o governo dá que nunca funciona.

Esse repasse de dinheiro deve acontecer, deveria acontecer logo no mês de janeiro, no máximo em fevereiro, porque isso é feito em dezembro.

Marília Gabriela: E quando é que vocês recebem?

E aí a gente recebe lá para o mês de março, abril e mesmo assim é sempre difícil, pedem milhões de documentos.

Se o paciente tem sequela, que muitos deles tem, é o que acontece... aí é um problema. Mas aí a gente tem que fazer um trabalho também de aumentar a autoestima desses adolescentes.

Entrevistado 8

Toda a decisão judicial no Brasil que demora a produzir efeitos, ela cria, na maioria, a legítima angústia de não ver fazer justiça. E aí esse aspecto também precisa ser considerado.

Essa contradição é uma contradição que angustia o cidadão comum e aí sim, né Marília, corretamente, porque as pessoas, às vezes, confundem essas duas coisas. Eu quero justiça já e é um direito que a sociedade tem que clamar. A outra coisa é atropelar um princípio constitucional, porque aí você não vai tá fazendo justiça.

Então, nós queremos entregar o máximo de obras de microdrenagem até o final do ano, essas três obras grandes a que eu me referi, aí são obras de três meses.

Entrevistado 9

Gera em você uma coisa que se chama paz. É isso que eu mais quero na minha vida. Porque isso independe do externo. Isso é uma coisa aqui, uma coisa tua, entendeu?

Marília Gabriela: Mas você escolheu uma profissão de alta competitividade e de muito estresse. E aí que eu me ligo mais ainda nisso ainda.

Eu nasci, com um mês eu fui morar nos EUA, com um ano eu voltei pro Rio. Aí eu morei até os quatro, aí fui morar em Campo Grande, morei dois anos, fui para Brasília, morei quatro.

Todo mundo dizia assim: “quando sua filha nascer, a primeira coisa que você vai dizer é como eu amo essa filha, que bom e tudo” e eu tava assim muito fragilizada. E aí esperava que ia ser um parto normal e acabou não sendo, ela sentou, enfim... E aí quando ela passou e eu olhei, não foi nem um amor que eu senti, eu olhei e disse assim, eu disse assim: “o mundo a partir de hoje tem que ser melhor, eu tenho que ser melhor”. Foi assim um... uma avalanche que veio em cima de mim. E aí li pra ela o salmo 91, que eu li para as minhas duas filhas, que eu queria que fosse a primeira coisa que elas ouvissem da minha boca quando elas nascessem. E aí então eu comecei a viver com aquela criança assim.

As coisas na minha vida, eu costumo dizer que elas vem em cambalhota sabe... Tá tudo certo, daqui a pouco dá uma cambalhota. Eu digo: “pera aí, passei um portal? Onde é que eu tô? Me ajuda senhor! Me ajuda a me localizar!” Aí eu disse: “quero ser mãe, quero ser mãe!” E aí eu parti pra cima disso.

“Eu quero engravidar agora! Realmente com certeza!” Aí comecei a... tentei, tentei, tentei e não engravidava.

Você vai engravidar em setembro e setembro eu engravidei. Aí o aniversário dele é de 15 de junho. Eu sabia que Luiza já estava sentada. Ele disse: “se estourar a bolsa, qualquer coisa...”. Não estourou! Ele falou: “Então deixa!” Aí o médico falou: “mas aí tem que marcar uma cesariana”. Aí marcamos para o dia 19 de junho. 17 de junho a bolsa estourou, aí eu fui para o hospital, naturalmente ela teve que nascer de cesariana, enfim, mas foi isso. Bom, aí corta pra frente, eu acabei me separando do Lúgüi, e eu me casei com o Mauro que é do dia 19 de junho.

Eu vim de Cordel Encantado, de Cordel eu fiz Dercy, de Dercy eu fiz Avenida Brasil, então eu... Aí na sequência eu emendei o filme. Eu disse: “vou dar uma relaxada”. Mas aí a Antônia, eu comecei a carreira fazer peça infantil, quando o convite veio, ela ficou tão feliz, “mamãe você tem que fazer”!

A bruxa dela era irônica, largada, jogada fora, era uma bruxa que não tava nem aí... Era um sucesso realmente retumbante! E aí eu além de ver, ainda recebi o vídeo. Aí comecei a ver, passava mal de rir.

Eu não me preocupei em fazer uma coisa diametralmente oposta ou parecida, eu deixei que a onda me levasse, entendeu? Eu disse: “o que tiver de ser igual da Clarinha eu vou pegar, o que tiver que nascer de mim vai vir”. E aí eu fui construindo essa bruxa e acabei numa bruxa rivotril.

O Chico era uma pessoa muito aberta. Não tinha essa de você ser nora, ser a mãe dele ou a faxineira que limpava, tinha que mostrar serviço. Se virasse pra ele: “e aí Chico eu tenho uma ideia assim e assim...”. Ele falava: “han...”. Tinha que fazer ali na hora, entendeu?

Eu trabalha na novela o tempo inteiro. Acaba a novela, eu já pegava um voo e vinha pra cá. Eu não estava lá (em casa). E aí, nesse buraco, a coisa abriu de tal forma que não teve como reverter.

Foi um período bem tumultuado. E aí eu saquei, nesse momento, depois passada tempestade, que eu saquei realmente que uma hora na vida a maré te leva. E aí deixa vida me levar, vida leva eu.

Eles chegaram à conclusão que poderiam ser amigos, enfim, que a onda era essa. E aí eu tava na minha, bem na minha. E aí quando ele buscou no aeroporto, já foi beijinho e tal.

E foi uma coisa linda porque depois revitalizou o teatro. Aí a gente chegava pra fazer a peça, vinha o pipoqueiro “muito obrigado”, colocava pipoca. Aí eu e Ingrid começamos a fazer sexta, sábado e domingo. Aí depois sexta, duas no sábado e uma no domingo.

Quando a coisa começa ficar muito enorme, eu digo: “pera aí, pera aí... é um período, uma fase”.

Eu tenho por hábito, depois de seis meses, quando eu tô muito atormentada de coisas pra fazer, pegar aquela pilha lá e ir respondendo às pessoas, dar alguma satisfação. Aí fui, olhei de novo e falei: “nossa, mas velhos tem muita vida”.

Não tem porque abrir uma outra porta, pra dar a cara tapa num lugar se não for para encontrar um jeito completamente particular. E aí fui fazendo isso assim e fui cavando lá nos meus porões e fui encontrar esse lugar.

Eu não tenho 86 anos, mas eu tenho algumas coisas. E essas algumas coisas eu coloquei. Tanto nas histórias que eu utilizei do Fernando, que eram histórias muito interessantes que eu contei à minha maneira e outras que acrescentei da vida né! Tá tudo aí, a gente não inventa nada né!

Impus duas condições: teria que ser cômico, conter humor e tinha que ter até 1500 caracteres, que é mais ou menos meia página que você sabe. E aí abriram-se as portas do inferno. “Porque chegou uma quantidade de porcaria, você não faz ideia, que aí eu falei assim: ‘não vai dar, eu não vou conseguir’”.

Eu também tinha que receber isso e colocar em categorias. Tipo, esse tá falando de animais, esse daqui homem e mulher, esse daqui são politicamente corretos. E aí fui agrupando e dando notas.

Minha professora de pilates mandou pelo mesmo sistema, pelo site e tal, e aí eu botei. Como é um livro de no sense, eu achei que um avestruz ilustrando uma capa que falava de cabra podia ser bom né...

Marília Gabriela: E aí?

E aí ficou o texto. Tem coisa muito boa aí, você viu como tem gente incrível?

E tem uns que não deram bola para mim. Tem um aí, que eu adoro, que é o tal do Jair Donar, que eu meio que propus a ele para nós escrevermos juntos e ele não me deu a menor pelota.

Textos que chegaram e fugiram as regras. Pô, mas muito bom, vou dar uma segunda chance. Escreve aí, reduz, usa seu poder de síntese e manda de volta.

Li muita porcaria, mas li muito coisa boa. O que tá aí é só a parte boa.

Marília Gabriela: Gente, é verdade! É muito bom, é muito divertido, é lúdico! Vocês tem que ver!

E tem coisa aí que tá na peça!

É... porque é dúvida. Eu não sabia se ia dar o título de “Extravirgem” ou “Beijo de Língua”. Aí eu resolvi botar os dois. Deixa o leitor escolher.

E para que essa vidas confundissem realidade com ficção, com imaginário. E aí a Irene lê a parte de uma delas, uma das mulheres, e eu leio a outra.

Você tem escrever de longe. Você não pode tá dentro, porque senão você vai ficar com peninha de si e aí não presta. É o tipo de material que não serve para escrever.

Porque meus pais eram intelectuais, minha casa não tinha televisão. Eu achava televisão uma coisa de segunda classe, que não podia fazer. Aí ele falou: “não, mas nós vamos fazer televisão underground, coisa e tal”. Eu falei: “Ah é André...” Underground... Imagina! Acreditei! Aí cheguei lá e ele disse assim: “vai ser só uma semaninha...”.

Entrevistado 11

Então eu tô na praia, tô na areia, eu tô com o pé na areia, eu faço ali meus castelos. Aí vem uma onda derruba, não tem importância, mas enfim, eu tô na areia da praia, pra usar esse exemplo apesar de eu ser paulistano. É, mas aí eu vejo uma onda e aí eu pego, é uma novela boa e pode também a novela não ser tão boa.

Externamente corri atrás disso que eu não tinha e internamente quem é esta pessoa. Aí o Vinicius Marins que é um ator, que fez comigo Cordel Encantado, e tá na peça inclusive, o Vinicius, a família dele é do subúrbio do Rio de Janeiro, bairro do Santíssimo, próximo a Campo Grande. E eu falei: “é lá que eu vou”. Aí eu fiquei hospedado na casa dessa família.

“Por que que o senhor tá aqui? Porque eu quero conhecer vocês”. Aí eu cheguei nesse subúrbio. “Quem é essa gente, quem são essas pessoas?”

Ela falou: “porque eu conheço todas as pessoas do meu bairro, pelo nome”. Então tinha uma diferença. E aí eu fui quem eram... eu fui descobrindo que esse cara era mais alegre.

E tinha uma antessala onde as freguesas ficavam esperando. E aí eu comecei a imitar a minha avó costurando retalhos e fazia bonequinhos de fantoches.

Então ali surgiu o ator, diretor, o cenógrafo, o figurinista... e ali...e aí a observação... Eram personagens que observavam pessoas, a empregada da minha avó, o cara que levava o leite ainda no vidro.

“Mas diploma de quê? Do que você quiser!” Aí eu pensei em advocacia, porque no último caso eu vou para o tribunal do júri, boto uma roupa... (risos)

Porque minha mãe morreu quando eu tinha 10 dia. E aí eu fui cercado pelas avós, e tia-avós, tem muito mais mulher do que homem.

Já era do Anthony Shaffer o texto de sucesso em Londres, Nova Iorque, enfim... e aí foi feito esse filme, eu já tinha assistido esse filme.

O policial levado a sério foram as raras às vezes que ele funcionou no Brasil. E eu acho que talvez também porque a gente não tenha proposto nada, além do que foi Blackout, nos anos 70. Depois alguma peça que funciona aqui ou ali...e aí eu me enganei redondamente.

E eu como comecei minha carreira com o vaudeville, comecei a me interessar muito. Dois anos de teatro profissional, eu fiz Feydeau, “Tome conta de Amelie”, com Maria de La Costa e direção de Antunes Filho. E aí outros vaudevilles americanos. E aí comecei a me interessar por esses autores e quando eu precisei de dinheiro, eu falei: “eu vou fazer isso aqui”. E aí eu fiz e fiz muito bem. Você precisa ter talento pra fazer isso, eu tive, na época, deu certo. Aí cara, como que 27 anos uma peça fica em cartaz sem parar, tá no teatro. E as pessoas acabam tendo aquilo como uma referência e aí quer ver aquilo também no teatro.

Entrevistado 12

Eles não deram desculpa, eles congelaram a vaga (de emprego). Foram duas vezes isso. Aí eu percebi o seguinte: o verdadeiro câncer não é o da carne, é o da alma. Aquilo me afetou muito.

Se eu esperasse até maio, que era o mês mesmo de fazer a prevenção, poderia ter triplicado de tamanho, poderia dar uma metástase e aí é uma roleta russa. Daí o meu medo, o meu pavor nessa recidiva é que ela podia ser uma linfoma, daí sendo um linfoma era um outro tipo de câncer.

Eu achei pelo mundo afora mais de 200 pesquisas e foi fantástico, porque daí eu comecei a bolar isso, a escrever, a mandar notícias da pessoas.

Eu formalizei o “Instituto A Arte de viver bem”.

Marília Gabriela: Bom... só que?

Daí eu comecei a fazer as cartilhas, comecei a arrumar as cartilhas.

A pessoa (com câncer) sai do rodízio (de carro) durante cinco anos. Daí tem isenção na compra de carro, zero de 25%.

A gente pensa em começar a atender 50 mulheres por dia né! Ir atendendo paulatinamente e daí a gente tem capacidade de 80, 90 dia.

Se ele não consegue laudar, essa mulher só vai pegar quando tiver 4, 5 cm e com metástase. Daí é um abraço, é uma roleta russa a metástase.

Então pequenas mudanças nos hábitos diários podem fazer diferença na qualidade de vida e daí eu não falo só do câncer de mama, falo de três doenças tão simples do dia-a-dia, diabetes, colesterol e pressão alta.